

Olefin
- 10. NOV. 1993



**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 183

16 DE NOVEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

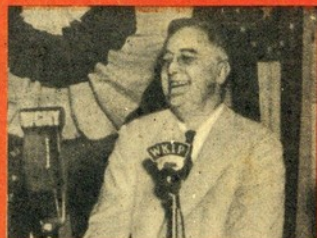
Não parece que a Lina Duval está a rezar: "... que a tempestade seja levada para onde não haja telha a quebrar nem barco sobre o mar?.."

Foto de Jorge Garcia

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NÊSTE NÚMERO:



Franklin Roosevelt foi eleito, uma vez mais, Presidente da República dos Estados Unidos.

(Ver reportagem gráfica nas páginas centrais)



Harry James, o rei da trompeta, é o ídolo da América e a sua orquestra ganha mundos de dinheiro na rádio e no cinema.

(Ver página 8)



Josefina Baker regressou a Paris. É tenente, canta para os Aliados e vai lançar uma nova canção!

(Ver página 10)

A Inglaterra e a Bíblia

A Bíblia está para o inglês, como o Alcorão para o mohometano. Em nenhum país a Bíblia tem o preponderância social, religiosa e política, que tem na Inglaterra. É na Inglaterra que existe a mais considerável colecção bíblica do mundo. Lá se encontram as Bíblias famosas do Século XVI, as Bíblias que serviram aos Reis e às Rainhas que se têm sentado no trôno inglês, a «Bíblia perniciososa» de 1632, na qual se lê com espanto a celeberrima afirmação: «Thou shalt commit adultery», a «Breechey Bible», publicada em Génova, em 1560, a genovesa, de 1557, a de Tyndale, de 1525, a de Coverdale, de 1535, a de Matthew, de 1537.

A primeira tradução inglesa da Bíblia, data de 1382, feita por Wyclif, cujos ossos foram queimados, depois de morto pelos católicos, por ter cometido esse «sacrilégio». Tyndale foi estrangulado e queimado, em Bruxelas, e Mattew, em Suinthfield, pelo mesmo «crime».

A primeira versão autorizada, é de 1611, e a versão revista, de 1884.

Lá existe também a «Bíblia de Alexandria», o velho «Codex Alexandrinus», com suas 773 fôlhas de pele de cabra, amareladas pelo tempo, velho de mais de 1.500 anos!

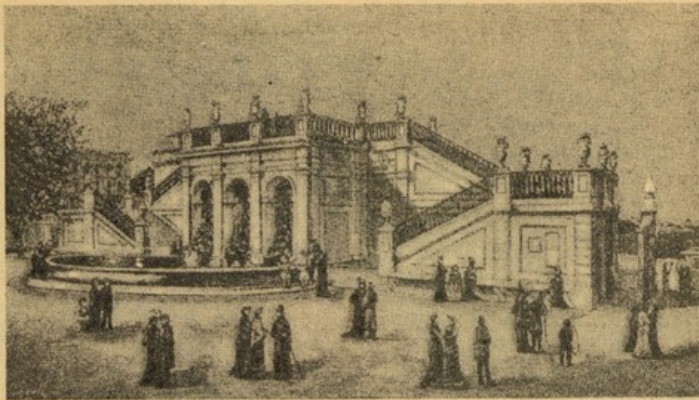
Lá se imprimem Bíblias em tôdas as línguas do mundo, mortas e vivas, desde o sanscrito a o hebraico, até o chinês, o árabe, o siriano, o javanês, o birmano, etc., incluindo a nossa.

Em 1808 publicavam-se em Inglaterra mais de 81 mil exemplares; em 1896, cerca de 4 milhões; actualmente, mais de quinze milhões.

Isto fora os fragmentos da bíblia, os Evangelhos, as Solemas, as Orações, as Lamentações, cujas edições cobrem a muitos milhões de exemplares, em tôdas as línguas.

Por isso Lacordaire afirmava que, graças à Bíblia, a Inglaterra era a mestra do Mundo.

JOÃO PAULO FREIRE



UMA NOITE NO PASSEIO PÚBLICO

EM 1861, um vereador da Câmara teve a infeliz idéia de mandar cortar a ramagem dos arvoredos, tão junto dos troncos que a sombra desapareceu, totalmente. Os frequentadores do Passeio Público, indignados, quasi que armaram uma revolução. O próprio teatro aproveitou a indignação alfaiinha, e Taborda, tôdas as noites, no «Tio Mateus», ouvia uma ovação quando recitava esta sextilha, adequada ao acontecimento:

Mas eu já dei no vintel! Armaram aquela trama Para ver se os passeantes Faltando a sombra da rama, Já melos fritos do sol, Vão cair no l-smorama.

As melhores famílias fizeram greve e, nas noites quentes de Agosto, preferiam dar uma passeata à beira-mar a entrar no Passeio. O cais das Colunas, o Terreiro do Paço, enchiam-se de gente. Vendiam-se água fresca e caramelos.

Os janotas, seguindo as suas damas, passavam, também parte da noite, ouvindo o marulhar das ondas. Decorridos quatro anos e esquecida a proeza, o Passeio voltou a ter frequência. Os preços da entrada desceram. Mesmo assim muitos renitentes não queriam lá pôr os pés.

Por exemplo, a 31 de Maio desse ano só se venderam 304 bilhetes. Depois aumentou. Nas quatro últimas noites desse mês entraram, pagando o meio tostão, 3.533 pessoas, que deram de rendimento à Câmara Municipal, empresa da nocturna diversão, 176\$650, sendo a despesa de 131\$460.

Em 27 de Agosto de 1867, o vereador Rodrigues da Câmara apresentou uma proposta de Emílio Bouillon para este dar, no recinto um grande

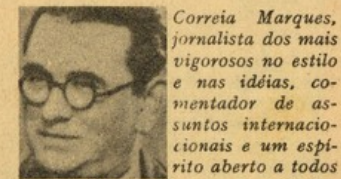
concerto. Figuravam nêle quatrocentos executantes, com tambores e seis peças de artilharia, para tocar um trecho guerreiro. Para isso era preciso mobilizar — passe o termo a que o clima obriga — tôdas as bandas regimentais e as melhores filarmónicas.

Eduardo de Noronha num seu livro diz que não conseguiu averiguar se esse concerto se realizou. Quando havia concertos o povo chegava a assaltar o gradame para entrar, mesmo sem bilhete. Muitas vezes tinha de intervir a força armada e chegavam a fazer-se prisões. Quando tocava a banda da Marinha, dirigida pelo maestro Reinhardt eram tais as enchentes que a policia via a necessidade de manter a ordem. A «Festa Chinesa», organizada por Madame Josefine Adam, foi o fim do mundo. Atropelos, zaragatas, verdadeiros comícios de protestos de multos que entraram e não conseguiram ver nada naquêlo oceano de cabeças.

Depois o calor que era muito fazia alargar de desespero os mais nutridos. O fogo de artifício, os balões, a iluminação do Lago Grande davam ao Passeio Público um aspecto deslumbrante. Os prédios vizinhos enchiam-se de gente. Alugaram-se janelas. As ruas laterais eram massas compactas de gente. E como não havia, na verdade, espectáculo melhor na cidade, ao ar livre, a Câmara cobrou do velho Passeio grandes receitas. Tudo isso desapareceu. A avenida, que tinha de romper por ali acima deu o golpe no Passeio Público. O lisboeta viu assim desaparecer o seu divertimento predilecto — mas a cidade ganhou na sua febre de crescer...

FALA-SE ESTA SEMANA

CORREIA MARQUES



Correia Marques, jornalista dos mais vigorosos no estilo e nas idéias, comentarista de assuntos internacionais e um espírito aberto a todos os grandes problemas do mundo, não podia ficar insensível ao drama da Polónia. Por isso escreveu «Varsóvia» — um caso de consciência internacional. Este livro, que é um grito de pedir justiça para um povo aguerrido e patriota duplamente vencido, constitue mais um documento do valor do seu autor, um jornalista a que não há brilho que se negue ou queira deprimir.

DR. SOUSA COSTA



A juntar à sua obra, temos agora mais este belo trabalho do sr. Dr. Sousa Costa: «Grandes Dramas Judicários» — e ninguém mais indicado para o fazer, pois o illustre escritor é também um dos mais no-

táveis elementos da nossa magistratura. A obra, que vai ser longa, de estudo sério e de investigação trabalhosa, é editada pelo «Primeiro de Janeiro» e revela já, neste primeiro fascículo, a excelência do todo. Assim de D. Afonso VI e Maria de Sabóia a Francisco Agra, passando pelos processos dos Távoras, Pombo, José do Telhado, Camilo e Ana Plácido, João Brandão e Augusto Castilho — todos esses grandes processos que apaixonaram gerações reviverá pela pena fulgurante do Dr. Sousa Costa, numa edição que é das mais belas que se tem publicado entre nós...

MAJOR MATEUS MORENO



Chama-lhe o autor «escorço monográfico», e, entretanto, constitue já um apreciável trabalho de divulgação, uma erudita obra de investigador. Este volume agora publicado pelo professor sr. major Mateus Moreno, e a que deu o título de «Colégio Militar». Tudo o que diz respeito à vida do notável estabelecimento de ensino superior — e quantas gerações por lá passaram, e quantos

grandes homens de lá saíram! — vive neste trabalho do sr. major Moreno, que é a história do Colégio Militar e foi escrito para deleitar quantos foram «meninos da Luz» e hoje são óptimos servidores do país!

FERREIRA DE ANDRADE



E uma estreia literária, mas bem pode dizer-se, deste autor e do seu livro, que estamos em presença de um espírito e de uma inteligência amadurecidos para os mais altos voos da investigação dos factos e análise e interpretação dos textos. De facto, «A freguesia de S. Cristóvão», o 1.º volume de uma obra densa e bem amadurecida que Ferreira de Andrade acaba de publicar, constitue uma assinalável contribuição para o conhecimento histórico da nossa capital. A história das urbes apaixonou tanto os escritores como a história dos homens. E Ferreira Andrade, com este livro em que se revela um escritor, mostra-se também um incansável investigador — duas qualidades a que o público há-de saber render a merecida homenagem.

O lisboeta e a paisagem

DIZIA um espírito cintilante da nossa sociedade que gostava imenso de ter uma boa quinta, com cheirosos pomares, a hortizita regadia, moínho de vento — e uma porta para o Chiado, onde, facilmente, pudesse penetrar quando a nostalgia de ouvir cantar o melro lhe pedisse o ruidoso movimento da cidade. De facto, isto de amar a natureza vai sendo uma imagem poética, pretensiosa, que dá tom.

No fundo, o campo para o homem sociável que pauta a sua vida entre o emprêgo e o cavaqueio do café, não tem mais que paisagem que se vê em quinze dias, que se suporta um mês já com bocejos, e que acaba por monotizar a vida. O chiar dos regatos, os bandos de pombo que esvoaçam, as velas do moínho ao longe, os cantares das moçoilas, o sino que toca as trindades, os solavancos dos carros de bois, as medas de trigo, para o lisboeta têm muita graça, muita poesia, muita ternura, nos escassos dias em que os nervos cansados apreciam a quietude das burgueses sextas... Depois, gradualmente, a paisagem torna-se igual. Todos os dias o sol nasce do mesmo lado — e as tardes morrem da mesma maneira; os montes, as casas, os telhados e até os pássaros têm sempre a mesmíssima representação singela: alegrar a natureza.

O homem cansa-se — bendiz aquêles que ali vivem existências inteiras de duros trabalhos, mãos calosas, revolvendo a terra.

São os arados que abrem sulcos no ventre da terra, as enxadas que a rasgam, as foices que desbastam cearas, a monda e as vindimas que trazem os homens seguros à terra.

É que ali está o pão, a vida, a felicidade.

E o lisboeta viciado ficaria no campo se levasse para lá o Chiado, três cafés-bilhares e um «dancing» com espanholas. Assim, não poderá arcar com o péso fortíssimo da Natureza, que tem sol, sem tóldos, que tem estradas sem macadame, que tem fontes... sem soda e limão.

Dizia-me, uma vez, um lisboeta ferrenho, dêstes que não gostam de perder de vista o D. Pedro IV:

— Vou para férias! Começo amanhã a licença!

— E para onde?

— Para a porta do Grandela! Estou perto do «appartement», que é na rua do Crucifixo, a dois passos da pensão, ao Arco de Bandeira — e é dos sítios mais frescos que conheço em Portugal.

De facto, parece ser verdade. A porta do Grandela para veraneio é do melhor que há. Sobretudo se a pessoa se tirar dos seus cuidados e levar um livrinho para se distrair quando passar pouca gente. Não chove porque tem tóldo, nem o sol bata de chapa; é insignificante de despesa e como desfile de elegâncias ganha ao Chiado — estreito e barulhento. Portugal é Lisboa; o resto é paisagem — dizia um cavalheiro que, sem ser factor da C. P., era, também, muito viajado.

Ora a paisagem só por si nada vale. Ninguém vai daqui a Espinhaço para olhar dois montes verdejantes que à tarde, ao pôr do sol, ficam avermelhados, confundidos com o céu...

O turismo, decerto, fará uns postais a cinco tostões, e o lisboeta perdeu a novidade. Mas se lá em Espinhaço arranjar um grande hotel, uma praia artificial, pique-niques, aí está meio mundo a interessar-se pela linda paisagem, por aquelas encostas.

Vou-a-se o Estoril. Conheço um homem rico que é um entusiástico «estorilófilo». Pois quando há dias lhe falei em certo recanto do parque, que é lindíssimo de vegetação, arremelgou os olhos — e, ignorante, confessou-me que só parava no Tamariz e no Casino. As nossas aldeias são muito lindas, na verdade, mas para se verem em telas ou de fugida num confortável «Buick». E, aqui para nós: o lisboeta quando quere paisagem não pressa de sair da cidade. O Alto de Santa Catarina, o Miradouro de Santa Luzia e Nossa Senhora da Ajuda enchem-lhe os olhos de côr. Há de tudo: desde o casario acachapado, que parece dormir entre montanhas de cimento, ao fumo que se perde dum barco, barra fora. E, a dois passos, o lisboeta está no campo: Portela, Carnaxide, Outurela, Caramã, tudo acima de Monsanto, com as hortizitas bem regadas e retiros de bom vinho. E nessa paisagem é que ele se sente bem. O isolamento inspira-lhe tristeza. A cidade é um pregão. Tem as suas lutas, os seus egoísmos, mas é sempre diferente.

Tão diferente que há sempre coisas novas para descobrir na sua vida...

MANUEL MARTINHO

ENTREVISTA DA SEMANA

NATÉRCIA COUTO INTÉRPRETE DE BACH E DE BEETHOVEN VAI ESTUDAR À ALEMANHA



TEM 20 anos — uma idade que se pode dizer ainda sem rebuço e sem côrilar...

Desde muito nova que demonstrou rara vocação para a música e para as letras. Aos três anos e meio, começavam os seus estudos musicais. Aos 5 com o piano, e aos 6 escrevia a primeira composição. Aos 10, iniciaram-se os estudos superiores num colégio de Lisboa e as primeiras lições com o grande pianista e pedagogo Ângelo Barata, que a morte já levou.

Aos 17 anos, a artista — que bem merece este nome — tinha já a bonita soma de 25 prelúdios para piano.

Isto diz da sua extraordinária intuição e da sua prodigiosa cultura musical. Nas letras, Natércia está também procurando uma posição de «sol». É uma sonhadora, por natureza. A sua personalidade é forte, o coração é grande, a alma é nobre, o espírito desempoelrado.

Há tempos, durante uma audição, alguém disse dela: «Reparem. É o poeta que fala à Natureza. E nunca esperel que uma criança me finesse chorar de prazeres».

Natércia Couto terminou recentemente o curso superior de piano, no Conservatório Nacional, sob a direcção do prof. Varela Cid.

Foi também aluna de Winfried Wolf, o célebre pianista vienense, que profetizou estar ali uma futura celebridade e que só não se apresentou com ela num concerto a dois planos, interpretando uma composição de Beethoven, porque teve de regressar ao seu país, ficando o concerto adiado, até que o grande maestro regressasse a Portugal.

Natércia Couto, filha de artistas, parente de artistas, conversou largamente connôco. É uma rapariga que cativa, sem esforço, antes, muito naturalmente.

— Compôr — disse-nos Natércia — é a minha maior alegria, estudar o meu maior prazer... A equitação e o ciclismo os meus desportos favoritos.

Depois de ter concluído o curso superior de piano, Natércia recebeu um honroso convite do Estado Ale-

mão para ir a Salzburgo, como bolseira do Instituto Alemão, em colaboração com o Instituto para a Alta Cultura.

— Que pensa da sua futura viagem?

Um sorriso indefinido, talvez incerteza, talvez receio...

— Não sei bem, — uma viagem povoada de sonhos lindos, de ambição, ingénua e natural, dum reconhecimento que abra horizontes mais vastos, mais radiosos...

— Depois de vir de Salzburgo, que fará?

— Se eu ainda nem parti, como hei-de saber o que farei à chegada?...

— Os projectos podem perfeitamente construir-se a distância...

— Sim... Mas acredite que ainda não penso bem. Naturalmente continuarei a estudar — um artista nunca deve deixar de estudar — e trabalhar! — com tôda a devoção na minha arte.

A intérprete de Bach e de Beethoven, a jóvem pianista de mãos mágicas e dedos dominadores, que em breve tenciona publicar um livro, «porque — diz ela — gosta mais de escrever do que de falar», e que os nossos leitores conhecem de uma fugidia colaboração, que já tem actualidade aos microfones das duas principais estações portuguesas, exprimiu no decorrer da nossa conversa um pensamento que revela o seu temperamento profundamente artístico e alheio a tudo o mais que lhe possa perturbar o espírito: «A música é a minha política!».

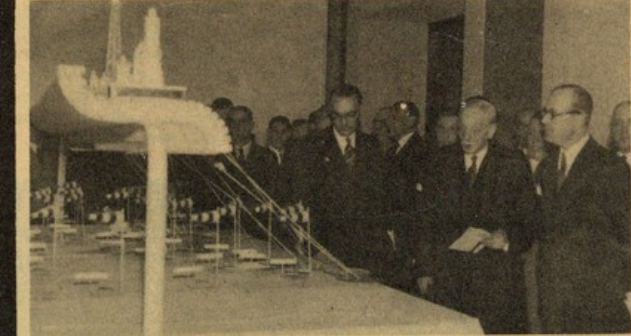
NOTAS RAPIDAS



O ministro, sr. Armond du Chaylo, ofereceu, na última quinta-feira, uma recepção aos jornalistas, para, em nome da França, transmitir o seu obrigado a Portugal e aos portugueses e à sua Imprensa. Em nome da Imprensa portuguesa falou o sr. dr. Augusto de Castro. Os dois illustres diplomatas vêm-se na foto, no primeiro plano, ladeando a mesa.



No gabinete do sr. ministro do Interior, tomou há dias posse o novo comandante geral da Polícia de Segurança Pública, sr. coronel Raúl Silvão Loureiro. Na cerimónia, o sr. tenente-coronel Botelho Moniz traçou as directrizes que devem ser adoptadas na formação dos agentes da ordem.



O sr. Presidente da República inaugurou, recentemente, no Instituto Superior Técnico, uma valiosa exposição de construções coloniais. Ali avultam os últimos melhoramentos introduzidos nas províncias ultramarinas, numa demonstração que valoriza a engenharia e a arquitectura, impulsionadas pela administração pública.



Dentro de poucos dias, deve proceder-se ao apuramento de contas, à contagem definitiva do rendimento que aos cancerosos foi atribuído este ano pela solidariedade portuguesa. Eis um aspecto da entrega de cofres, no Governo Civil, quando há pouco as senhoras acabavam o peditório nas ruas de Lisboa.

“Tempestade sobre Lisboa”

que surpresas nos reservará este filme?

OS jornais ingleses trazem por menores sobre um filme americano, realizado em Londres, e que tem o título sugestivo de, «Tempestade sobre Lisboa» (Storm over Lisbon). Estamos sempre de pé atrás com os filmes que se passam no nosso país — e este, a julgar pela história — não deve redimir outros pecados cinematográficos no mesmo género...

Trata-se, com efeito, da aventura de uma bailarina, Maritza, que chega a Lisboa para tomar o «Clipper» e que é forçada a demorar-se algumas semanas no nosso País. Encontra-se com Craig, um americano, encarregado de entregar ao Governo dos Estados Unidos uma importante bobina de filme, pela qual a Gestapo se interessa. Vão ombros por a um cabaré, dirigido por um tal Derecko (Erich von Stroheim), e que é, afinal, o centro de uma quadrilha de espionagem. E passam-se diversas aventuras até à partida do par, a caminho da América...

Além de Stroheim, o «cast» inclui Richard Arlen, Otto Kruger e Eduardo Cianelli.

Que surpresas nos reservará este filme, resenolado no «pitoresca e cosmopolita Lisboa?»

No seu novo filme, «Kismet», cuja acção se desenrola em Bagdad, nos tempos dos sultões poderosos, Marlene Dietrich encarna a figura de uma odalisca. Para tanto, compôs uma caracterização adequada — e não queremos deixar de chamar a atenção das nossas leitoras para o penteado da vedeta, aliás só compatível com o tempo de que as favoritas dispunham no harem do seu amo e senhor... Segundo se afirma, os peritos de Hollywood levavam quatro horas para arranjarem a cabeça de Marlene Dietrich, em tão exaustiva caracterização.



FITAS FALADAS

O LOBO DO MAR

SE quisermos buscar um símbolo do Sonho e da Aventura encontraremos no veleiro a imagem ideal. Não posso ver os lugres que baloçam adormecidos no nosso Tejo ou que demandam a barra de velas enfunadas, sem evocar as suas rotas, à luz das estrélas, sob os céus equatoriais, ou a batalha travada nos oceanos com as tempestades. E o seu destino aparece-me sempre condicionado pelos caprichos da Natureza. Nunca se sabe exactamente qual o caminho que vão seguir ou o dia em que vão chegar, porque não está nas suas possibilidades dominar a Natureza e as forças que ela desencadeia, para ter apenas vento de feição ou águas bonançosas que o levem ao seu destino.

Há paisagens que pedem um veleiro romântico, e que parecem estar em conflito com os cargueiros cinzentos que jorram das chaminés do fumo negro. E uma ilha verdejante, em águas quietas, ganha novos encantos quando a paisagem é enquadrada pelas velas do navio que a bordeja.

Hoje, na era dos grandes transatlânticos, que os «Clippers» ameaçam destronar o veleiro de grande curso, é uma reminiscência saudosa de outros tempos e traz, até nós, o prestígio dos grandes senhores dos mares, mareantes e descobridores, heróis e pioneiros do Desconhecido e do Encoberto. Ligada a esses velhos navios, há toda uma tradição de

aventura que fez o encanto da nossa mocidade, desde a «Ilha de Tesouros», de Stevenson, até às façanhas prodigiosas do «Capitão Morgan» e do «Terror dos Piratas». E o veleiro, aparentemente inofensivo, que desfraldava no momento próprio o pavilhão tenebroso com a caveira e as tibias, ficou para nós como o último refúgio de toda uma fauna sinistra, de escravos ou de convictos, pronta a seguir o seu chefe até à morte, ou à espreita da primeira oportunidade para se amotinar. E tanto num caso, como noutro, grandes coisas se passavam...

«O Lobo do Mar» não nos desiluiu. Baseado na novela de Jack London — e que está longe, aliás, de ser das suas obras mais representativas — dá-nos uma nova versão do comandante autoritário, brutal e odioso, à maneira de Charles Laughton na «Revolta no Bounty». A história tem incontestável interesse e, a nosso ver, se alguma coisa diminui a sua densidade, é a intromissão da mulher a bordo — e a explicação filosófica da maneira de ser do «Lobo Larsen». A primeira representa a eterna transigência do cinema americano com as directrizes comerciais — há público que não admite o cinema sem amor! — e a segunda arrasta algumas cenas, aliás sem grande poder de convicção. Depois, uma mulher a bordo, com uma marinagem daquela ordem, seria um elemento de permanente discórdia. E ali, afinal, ela une várias pessoas ao seu próprio destino. E, por amor dela, não há uma faca a luzir ou dois homens a digladiarem-se, por despeito ou por ciúme.

A história é fértil em inverosimilhanças e convencionalismos — e citemos, como exemplos, o regresso do «Lobo Larsen», muito tempo depois de ter sido virado pela borda fora, e a sua luta contra toda a tripulação, da qual ele se sai com uma limpesa digna do «rei da evasão», em pleno circo. Mas tais factos não roubam ao filme a sua admirável violência, expressa na realização de Michael Curtiz e, sobretudo, o ambiente de bordo, sugerido em imagens de extraordinária valia, valorizadas por uma partitura de grande categoria. O chapéu-chapé do mar, o ranger da mastreação, o uivar do vento nas velas desfraldadas — fundem-se com temas sintónicos de inegável beleza.

A vedeta de «Lobo do Mar» é, porém, esse admirável «Ghost», de linhas elegantíssimas, que singra o Oceano, seguro do seu poder e que atravessa o mundo, desafiando calmarias e tempestades, com uma tripulação pronta a explodir o ódio acumulado, contra um homem que se compraz em rebaixar até aos limites do inconcebível, aqueles que o servem. Edward G. Robinson é assombroso! Deu-nos com a mesma sobriedade de processos, a pouco tempo de distância, duas figuras antagónicas, que estão na primeira linha da sua carreira — o Dr. Erlich, da «Ampola Milagrosa», e o «Lobo Larsen», do filme que o Politeama agora apresenta. E só para o ver, vale a pena embarcar no «Fantasma» e singrar os mares na trágica companhia de alguns homens que são marinheiros por cobardia e por desespéro — é só por isso estão acorrentados ao pesadelo que vivem, quando mais lhes valia morrer.

FERNANDO FRAGOSO

PLANOS DE MONTAGEM

ECOS E NOTÍCIAS DO CINEMA NACIONAL

Até agora, só dois filmes podem aspirar ao Grande Prémio do Secretariado de Informação e Cultura Popular, que este ano galardoadá, pela primeira vez, a produção nacional. O regulamento diz-nos, com efeito, que só poderão concorrer os filmes realizados em estúdios portugueses, estreados de 1 a 31 de Dezembro. E, até agora, temos «O Violino de João» e «A Menina da Rádio».

Mas «A vizinha do lado», de Lopes Ribeiro, e «Um homem às direitas», de Jorge Brum do Canto, estão quase prontos. E se forem apresentados no decurso do presente ano serão temíveis concorrentes... A competição tem, assim, maior interesse, porque se ignoram quem serão os contendores...

* * *

No capítulo de «documentários», e sem pretendermos influenciar o júri que há-de pronunciar-se, será muito difícil arrancar o prémio à «Inauguração do Estádio Nacional», cuja impressão está ainda na memória de todos. E se assim for, não poderá dizer-se, em boa verdade, que a película não justifica a distinção. A menos de que até lá, surja qualquer surpresa. E a surpresa poderia ser, quem sabe, algum documentário da Cinelândia, que andou por Fátima e pelo Minho a recolher imagens para filmes de curta metragem.

* * *

O nível da representação de «Um Homem às Direitas» é, ao que nos dizem, admirável. Barreto Poeira, Maria Matos, Julieta Castelo, Virgílio Teixeira, Carmen Dolores e Maria Emilia Vilas desempenham os principais papéis com acerto e brilho assinaláveis. Oxalá se confirmem tão bons augúrios. E não nos surpreenderemos se tal acontecer. Jorge Brum do Canto, com efeito, é o realizador português que mais cuida da interpretação, substituindo, constantemente, no «plateau», e durante os ensaios, os actores, a fim de exemplificar quais os efeitos que pretende obter do seu desempenho.

* * *

Arbués Moreira, produtor cinematográfico há muito afastado dos estúdios, vai regressar à actividade. E, ao que nos dizem, prepara um filme que será dirigido por um dos mais categorizados realizadores.



Que o leitor não nos pergunte a significação deste traje!... Sabemos apenas que se trata da bailarina Alma Carroll, tal como aparece num filme musical em realização

Da Alta para a Baixa



Um lindo aspecto da Universidade: Torre e Via Latina



Reabriu a Universidade. Sessão solene na Sala dos Capelos com uma notável «Oração de Sapiência», do Prof. Paulo Merela e o cortejo tradicional com muitas borlas e capelos, bedéis, arceiros e charamela. E só depois apareceram as fitas nas pastas dos estudantes. Muitas fitas, que são ilusões amarelas, vermelhas e azues... Aqui os vemos no pedestal da estátua de Joaquim António de Aguiar, depois dum almoço de confraternização no qual a solidariedade académica ficou bem expressa no grito de guerra da «malta»: «Eférrá... Eférrá... Eférrá...». Entretanto, lá do alto da colina, Minerva espreita-os... para uma continha calada no fim do ano...



Mas não foram só os rapazes que exibiram as suas fitas. As raparigas universitárias, com as suas pastas cheias de ilusões... «emigraram» da Alta para a Baixa e espalharam sorrisos de felicidade pelo ambiente coimbrão... E nada de atitudes falsas e pretenciosas... Foram a S. João do Campo, contrataram um gaiteiro, compraram foguetes de três respostas e morteiros para acentuar o acontecimento. Isto é só uma vez na vida e a praxe é soberana... Agora, toca a estudar que os mestres estão «feras» e não querem fitas... nos exames.

DE COIMBRA

PORTA FÉRREA

Coimbra de ontem e de hoje

POR gentileza do Director da «Vida Mundial Ilustrada» apresento hoje, nesta excelente revista, uma página de Coimbra. Com a devida autorização firmada por El-Rei D. Diniz... passo a abrir a referida página com uma secção intitulada «Porta Férrea»...

Nesta rúbrica cabem todos os comentários e todas as boas-intenções e se hoje aparece em «suetos» pode amanhã surgir em artigo inteiro, tratando qualquer problema de Coimbra, dos muitos e variados que ela tem para resolver...

Teófilo Braga, que mais tarde veio a ser uma figura eminente da República, passou em Coimbra, enquanto estudante de direito, muitas privações. Pobre, sem recursos, a vida coimbrã foi para ele, não uma época descuidada e alegre, mas, antes, um largo período de preocupações e sobressaltos...

Fazendo contas sobre contas, deitando cálculos e fazendo previsões, nunca deixou de trabalhar intensamente, única forma de fazer face a situações económicas bem difíceis que teve de suportar. Por exemplo:

Em Outubro do ano de 1866, Teófilo regressou, das suas férias do norte, a Coimbra, para concluir a formatura em Leis. Porém, para que verdadeiramente chegasse ao fim, era necessário pagar a propina. Consigo, tinha uns cêntimos que não resolviam a situação. Teófilo Braga, nestes momentos de crise, costumava dar longos passeios pelos arredores de Coimbra, pensando maduramente numa solução. Desta vez o acaso bafejou-o na pessoa dum caixeiro dum livraria que editava livros por sua conta. Regressava à cidade depois dum desses passeios, quando lhe apareceu o livreiro:

— O sr. Teófilo quer traduzir três romances de Chateaubriand?

— Ó homem, você é um Deus neste momento — respondeu-lhe com certa alegria.

— E quanto deseja receber?

— Se eu fôsse o Camilo Castelo Branco — diz-lhe Teófilo Braga — pedia-lhe 200 mil réis, assim, leve-lhe 15 libras...

O negócio fechou-se e a matrícula, no último ano de Direito, ficou desde logo garantida.

Foi ainda em outra situação difícil, que ao homem do Governo Provisório da República sucedeu este outro facto, que constituiu, ao mesmo tempo, a sua estrela como advogado.

Uma tarde, aparece-lhe na Calçada um amigo que lhe diz:

— Tenho um trabalho para ti e creio que te vai dar um certo dinheiro.

Teófilo Braga nunca rejeitou trabalho e por isso aceitou desde logo. Tratava-se de ir ao tribunal da Lousã acusar um criminoso, que tinha assassinado um jurado. O advogado primeiramente escolhido adoeceu e desta forma a incumbência veio parar às mãos de Teófilo Braga.

Teófilo foi marcado para o julgamento parte para a Lousã onde se desempenha com brilhantismo a missão de que o encarregaram. No regresso, trazia consigo 15 libras e um grande contentamento que expressou a um amigo residente nos Açores, nestes termos:

— «Agora, posso-lhe dizer que o ano de 1867 já está a salvo de qualquer contrariedade económica...».

E foi com todos estes sobressaltos financeiros, que se formou neste mesmo ano, para depois iniciar a «tragédia dos concursos públicos...» que tantos dissabores lhe causaram.

Os antigos estudantes que pertenceram ao Orfeão Académico e que nele cantaram sob a regência dos drs. António Joyce e Elias de Aguiar, projectam para o próximo ano uma grande reunião em Coimbra.

A idéia é excelente e se se confirmarem as intenções dos seus organizadores o Mondego voltará a escutar o António Menano, o Paradelia de Oliveira, o Armando Góis e o Edmundo Bettencourt. O Fado voltará a ouvir-se em Coimbra e a crise que tudo avassalou, também, neste aspecto, não poupou os choupos magoados e tristes...

Estamos em face duma verdadeira revolta dos rouxinóis... — e aqui para nós, que ninguém nos ouve: — aquela Sé Velha está cada vez mais linda!...

Coimbra precisa dum bom teatro, dum bom cinema e não tem uma sala de concertos nem de exposições... E é neste tom de lamentação que vamos dizendo aos vizinhos: além disso, também não tem casas para viver, balneários para se lavar e ruas com bom piso.

No capítulo casas, os capitalistas de Coimbra estão a aplicar os seus capitais em outras cidades, pela simples razão de que não estão dispostos a urbanizar um plano de urbanização que nada urbaniza... E a coisa tomou aspectos tão graves, que neste limiar do ano lectivo, um quarto para estudante, que antigamente custava entre 50 a 80 escudos, custa agora para cima de 200. E não se julgue que este «antigamente» monta ao tempo do «scanelão» à Porta Férrea... Vem, muito simplesmente, desde que se iniciaram as obras na Alta...

ARCO DA TRAIÇÃO...

EM 1925 um jovem caloiro entra a Porta Férrea e vai assinar o livro da matrícula na Universidade. Guilherme de Oliveira, assim se chamava o candidato a médico. Depois... foi uma via-sacra de 18 e 19 valores. Nunca nenhum lente lhe apunhou mecos...

Seis anos depois, o mesmo rapaz, magro, de olhar vivo e passo firme, torna a dobrar a mesma porta e quando sai, traz consigo o «scanudo» da formatura. Com ele, deita-se por esses caminhos além e vai parar à Alemanha. Chega a Hamburgo, dá umas pancadinhas nas costas do Professor Wohlwill e este passados tempos abraça-lhe as costas portuguesas em homenagem ao seu talento. Salta a Berlim e fica tu-cá tu-lá com os grandes mestres Rössle e Böhnfler. Não tendo mais que aprender regressa a Coimbra e monta consultório. Hoje, em clínica e catédrico... na terra dos Lentos...

Há dias chamaram-no para uma consulta e de tal maneira fez o seu diagnóstico que logo foi nomeado Presidente do Conselho da Administração da Livraria Atlântida Editora. E agora lá está ele a tratar com todo o carinho e entusiasmo e os efeitos do tratamento em breve se...



conhecidos em várias comunicações que o dr. Guilherme de Oliveira vai fazer ao público português.

Esperem-lhe, pois, pela volta e verão se isto de ser médico e director duma editorial, são coisas incompatíveis, quando se é inteligente, culto e nobre nas intenções.

CALÇADA DA GLÓRIA

NO «LEÃO DE OURO»



Um rapaz chegado de Pontevedra entrou uma manhã no Leão de Ouro, procurou o dono e ofereceu-se-lhe para criado de mesa.

— Já esteve a servir em algum restaurante?

— Já, sim senhor.

Nisto, o dono do Leão reparou que as mãos do candidato a criado de mesa gemiam estêrco.

— Que mãos tão porcas! — não se conteve que não exclamasse.

Logo o criado, com a maior naturalidade do mundo:

— Admira-se? Que faria se me visse os pés!

FLEUGMA BRITÁNICA



Muito se tem dito e escrito acerca da fleugma britânica. Todos sabem — mas nunca é demais repeti-lo — que essa fleugma é uma das grandes forças de todo o bom inglês.

John Bull presta o seu depoimento como testemunha num tribunal.

— Presenciou o crime? — inquiriu o juiz.

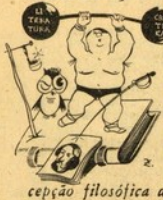
— Presenciei.

— E o que fez perante tão grave situação?

John Bull, sorrindo:

— Fiz um cigarro!

A REPUTAÇÃO DE GIL VICENTE



João Gaspar Simões escreveu, há dias, no «Diário de Lisboa», que Gil Vicente pecava por uma «composição dramática fraccionada e uma concepção filosófica deficiente».

Ora toma, amigo Gil Vicente!

DÚVIDAS



Um dia certo jornalista, em apuros de dinheiro, encontrou na Brasileira do Chiado, Francisco da Silva Passos — boêmio de excelente espírito — e desfechou-lhe à queima-roupa:

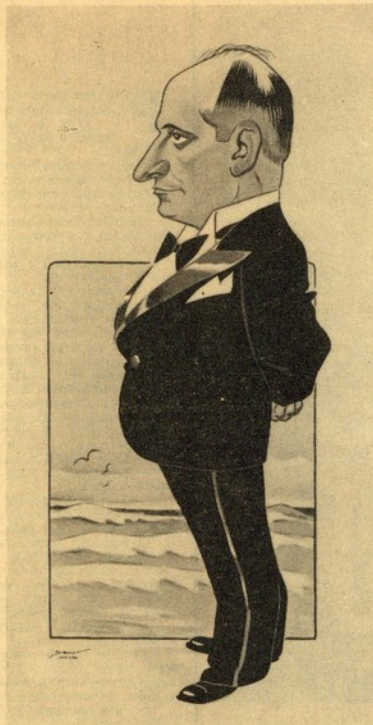
— Ó Chico, tens dúvidas em me emprestares cinco mil réis até amanhã?

— Não tenho dúvidas nenhunas.

— Então empresta cá...

Logo Silva Passos, que não nadava em opulência:

— Eu não tenho dúvidas... Mas também não tenho os cinco mil réis.



(Caricatura de Santana)

O piloto Américo Rodrigues Tomaz

Já vai a Nau Catrineta
Nas ondas a navegar
A pôpa vai um Poeta;
A proa — o Senhor do Mar!

Senhor do Mar, da Marinha,
D. Américo, se chama:
Portugal, Pátria minha,
Ergue-lhe a tua flama.

Adeja-a bem, pelo ar,
Em sinal de vitória:
Que a Nau já vai sobre o mar
A caminho da Glória!

À pôpa Camões, poeta,
Pensando na Pátria-Mãe
Canta esta Nau Catrineta,
E os pilotos que ela tem!

A FELICIDADE

NA China corre esta história aceite como verdadeira. Os génios celestiais resolveram, um belo dia, colocar o seu poder ao serviço da felicidade humana. Desceram à terra, caminharam de casa em casa, e iam interrogando cada um:

— Que desejas para ser feliz?
A resposta era, em regra, a mesma:
— Dinheiro!

Alguns pediam saúde; um ou outro mandáram reclamava o poder; certas pessoas bem intencionadas suplicavam a maneira simples de eliminar os seus adversários. Algumas mulheres imploravam ainda o Amor, mas a quasi totalidade decidia-se pela fortuna. Os génios celestiais estavam desapontados.

— Que nos irá pedir agora o Imperador? — interrogavam-se eles próprios, dirigindo-se ao palácio das mil maravilhas.

O imperador, que estava a fazer a barba, não os recebeu, — e recambiou-os para a Imperatriz. Entraram numa grande sala, forrada de sêda, opulenta de faianças e xarões, onde a Imperatriz estava com as suas aias, sob um imenso docel de ouro. Os génios puseram sete vezes as mãos sobre o tapete em que tinham os pés e exclamaram em côro:

— O que desejas, Soberana poderosa, senhora do mundo, para ser feliz?

A Soberana sorriu, abanou ligeiramente a cabeça coroadada, e murmurou perante o assombro dos Deuses:

— Se está no vosso poder, bons Génios, atender ao que pretendo, arranjai-me algumas gotas de azeite...

Os génios entreolharam-se, pálidos. O seu poder não chegava a tanto. E sem conseguirem articular uma única palavra de resposta saíram encolhidos e vexados, a enrolarem-se de vergonha na purpura dos seus mantos.

O «ZÉ DO TELHADO»



O «Zé do Telhado» fez, na última temporada do Avenida, uma carreira decididamente auspiciosa. Mas o seu êxito não ficou apenas dentro das nossas fronteiras: ultrapassou-as. A opereta, ao que sabemos, já está vendida para francês, inglês e alemão; e, segundo nos informa pessoa bem intencionada, está sendo, neste momento, adaptada para russo, com o título de Zézoffe Telhadovitch.

NOTAS



Não falta quem afirme que aos banqueiros só interessa uma espécie de livros: o livro de cheques. A regra é talvez esta — mas há excepções. Por exemplo: a dum ou doutro banqueiro que se dedica ao livro de «notas». E dum livro destes que damos este pensamento:

— Quando um petiz veste calças pela primeira vez, o seu maior prazer é meter as mãos nas algibeiras. Quando chega a homem o seu prazer maior é, muitas vezes, meter as mãos nas algibeiras dos outros...

DIPLOMAS



Quando o general Domingos de Oliveira foi Presidente do Conselho, foi um dia convidado para assistir a uma sessão solene numa corporação de bombeiros. Aceitou o convite e no dia da sessão assumiu — à tout seigneur tout honneur — a presidência da mesa. Discursos, palmas, etc. A saída entregaram ao Chefe do Governo o diploma de sócio honorário da corporação. Já dentro do automóvel, o general Domingos de Oliveira comentou, numa amena ironia, olhando o diploma enrolado:

— Nunca imaginei que havia de ser bombeiro involuntário!

BOM COSTUME



A uma mesa da Trevo, Castelo de Morais e alguns amigos velhos recordavam, uma tarde destas, coisas passadas.

A certa altura um dos presentes volta-se para Castelo de Morais e diz-lhe:

— Lembra-te ainda quando se rezava o Beneditice antes de se principiar a jantar?

— Se me lembro! — murmurou o jornalista, brincando com a linha do monocúlo. — Belo costume que hoje se perdeu...

E logo rematou, num saído ai:

— Dava tempo a que a sopa arrefecesse.

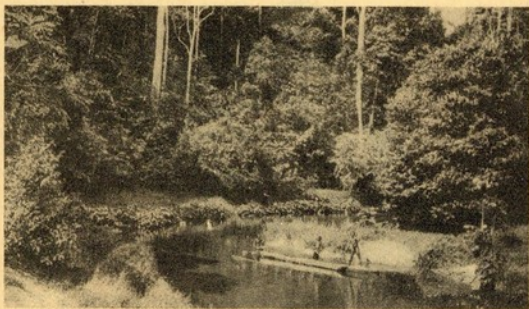
Viagens maravilhosas

VI

Nas ilhas selváticas de Andaman

O noticiário da guerra do Pacífico trouxe, em tempos, para o primeiro plano, o arquipélago Andaman, grupo de ilhas soltas no golfo de Bengala, um pouco ao norte de Sumatra.

Pode-se talvez dizer que foi o histórico e lendário Marco Polo o primeiro viajante a referir-se a essas ilhas. Quando ele chegou a Sumatra e a Ceilão, descobriu que mais para além existiam umas ilhas «sem rei, chelas de bestas selvagens», conforme a sua própria expressão. Mais tarde o veneziano Nicolau de Conti deu informações mais amplas acerca do arquipélago e, finalmente, em 1788 a Companhia da Índia Oriental descobriu a importância da situação geográfica das ilhas de Andaman para a navegação da Índia para o Extremo Oriente. E o arquipélago passou a fazer parte do Império Britânico, até que, actualmente, vê jogada a sua sorte e o seu futuro nos acontecimentos bélicos do Pacífico.



De paisagem exuberante, parasidiaca, as ilhas de Andaman oferecem um aspecto ricamente sugestivo ao viajante. Contudo, estas águas tranqüillas sofrem por vezes violentíssimos ciclones que transformam as ilhas num verdadeiro inferno durante semanas seguidas. Os habitantes dedicam-se à agricultura e à pesca, sobretudo a esta. São poucos comerciantes e vivem uma vida quasi natural.



Já que falámos nos habitantes, eis aqui um grupo de guerreiros, armados e severos. Rodeiam uma jovem viúva da ilha. Repare-se na camada de argila que a viúva (ao centro, sentada) tem no alto da cabeça. Isso representa precisamente sinal de luto carregado. Todos os guerreiros são parentes do morto e julgam-se com direito a governar os bens que ele deixou.



Depois, eles reúnem-se no grande largo e iniciam uma dança mística em volta do escudo do defunto. Assim prestam homenagem ao que desapareceu, oferecendo as suas rezas e as suas danças a «Puluga», o Deus supremo, que encerra em si os espíritos do Bem e do Mal.

ITINERARIO PITORESCO

PEQUENA HISTÓRIA DE MONTE SINAI



DESDE a nossa infância, esse nome acompanha-nos a memória. Monte Sinai. É todo um mundo de lenda e de evocações que ele levanta na nossa imaginação. Monte Sinai. Semi-cerramos os olhos e temos a impressão de assistir à passagem dum emocionante filme, comentado pela voz terna da avózinha de cabelos brancos e da primeira ama que nos embalou. Monte Sinai...

Lembramo-nos do que nos contam, do que lêmos, do que ouvimos... Moisés e a sua legislação eterna recebida de Deus, no meio duma tragica tempestade. A fuga pelo Egipto, em atrevida correria, procurando a vida sob a ameaça da morte. A passagem do Mar Vermelho, o mandá, a seca de Horeb, o rochedo miraculoso de onde surgiram águas límpidas e abundantes. E também o Bezerra de Ouro e a Serpente de Bronze, símbolos que ficaram para o mundo como lendas de Bem e de Mal. E ainda mais a insurreição do povo eleito, quebrando traições e sonhando quimeras — insurreição que Jeovah castigou sem dó nem piedade. Depois aqueles trinta e oito anos de penitência, sem esperança, no longo deserto de Tir. E finalmente a arrancada triunfante através do Moab, chegando até ao Jordão, o rio que seria sagrado, mais tarde, e a posse da «Terra Prometida», esse maravilhoso país de Can que Moisés apenas conseguiu entrever do alto do Nebo, já entre os suspiros e os queixumes da sua prolongada agonia.

Monte Sinai... Já alguém escreveu, e com razão, que se tem de levar connosco o Antigo Testamento, quando quisermos subir o Sinai, até lá ao alto, na esteira do caminho aberto pelos hebreus. Só assim poderemos entender os fantásticos cenários e o mundo de evocações que o Monte encerra em cada pedra do caminho...

...Avançando sobre o mar, a desolada e pedregosa península do Sinai, entre os golfos de Suez e de Acaba, é constituída por dois imensos maciços de granito e porfirio vermelho: o Djebel Kaltharin (monte de Santa Catarina) e o Djebel Musa (monte de Moisés), este um pouco menos alto do que aquele. Precisamente da cor do porfirio desses montes, veio a designar-se o mar próximo por Mar Vermelho.

A vegetação quasi não existe. E aquela que existe é enfezada, reduzida a ervas rasteiras e de longe em longe, a acácias repletas de espinhos. Às vezes, no decurso duma longa jornada, consegue encontrar-se duas ou três tamarineiras, bem distantes umas das outras.

Só em volta do convento em Tor, a única cidade e o único porto da península, se descobrem gentes. São cerca de cinco mil beduínos muçulmanos e umas quantas dúzias de cristãos penitentes. Ninguém mais.

A mil e oitocentos metros, fica o famoso planalto de Er Rocha, onde a lenda conta que os hebreus se reuniram a esperar pelos Dez Mandamentos da Lei. E mais adiante ergue-se a montanha de Safsafat, de encosta luzidia. Foi aí que Moisés recebeu as tábuas da Lei, entregues pelas próprias mãos do Senhor.

E a seguir, chegados ao Sinai, em plena beleza dum ambiente selvático e exótico, temos para além de Vatt-el Dui (o vale do convento) o mosteiro de Santa Catarina, grandioso e altaneiro — aos olhos do visitante — mas quasi minúsculo, insignificante e esmagado pelo cenário gigantesco que o rodeia. Nas suas muralhas, nas suas portas vêem-se ainda vestígios dos tempos idos em que «as legiões do Crescente por ali passaram, combatendo a Cruz a ferro e fogo». Mas agora a tranqüilidade é tão grande, a paz tão esmagadora que se sente por momentos a impressão de que deixámos de ser humanos e que fazemos parte do próprio Sinai...

GENTIL MARQUES

DUAS CURIOSIDADES

Algumas tribos de índios usam uma espécie de cabaças arredondadas, para conduzir água, as quais têm a virtude de servirem também de objectos musicais para as suas festas, e ainda de serem utilizadas como ponto de referência para os que se perdem nas montanhas.

De facto, o vento ao passar pelo furo da cabaça produz um silvo muito especial, e os índios dessas tribos reconhecem o silvo de longe.

— Em Marrocos quasi nunca se mencionam as mulheres. É mesmo grande falta de etiqueta perguntar a um marido pela sua esposa... ou pelas suas espósas.

IMAGENS DO MUNDO

Cubismo... há 4.000 anos



Apesar dos pintores e escultores «cubistas» se apresentarem como ultra-modernos, descobrem-se por vezes obras no mesmo estilo, como vérios séculos de existência, como, por exemplo, esta estátua encontrada nas ruínas da remota capital da rainha de Sabá.



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
18,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
19,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
20,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WLWR	23,1	WGEX	31,4
21,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WLWR	23,1	WGEX	31,4
22,45	WLWR	23,1	WGEX	31,4	Meia hora de notícias, comentários e música			
23,45	WOOC	31,1	WRUA	39,6	WOOC	38,4	WGEX	31,4
24,45	WOOC	31,1	WRUA	39,6	WOOC	38,4	Meia hora de notícias, comentários e música	

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.» dos 18,45 às 19

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

NOVOS DISCOS

ACABAM DE CHEGAR



OS GRANDES SUCESSOS EM MÚSICA DE DANÇA PELAS MELHORES ORQUESTRAS INGLÊSAS E AMERICANAS QUE GRAVAM EXCLUSIVAMENTE PARA A FAMOSA MARCA



“HIS MASTER'S VOICE”

PROCURE NOS NOVOS DISCOS OS GRANDES ÊXITOS QUE SE OUVEM ACTUALMENTE NAS EMISSÕES INGLÊSAS E AMERICANAS

EST. VALENTIM DE CARVALHO

RUA NOVA DO ALMADA, 97

COLONIE ETRANGERE ET CORPS DIPLOMATIQUE

Malgré les difficultés presentes et afin de contenter sa clientèle, la maison «MANOLITA», maître-pelletiers-fourreurs, ont fait venir de l'étranger des techniciens spécialistes ainsi qu'un grand choix de fourrures: Vison, Castor, Astrakan Perse, etc.

Un défilé de manequins aura lieu tous les jours, à partir de 15 heures, pour vous donner un aperçu des dernières créations de Londres et New-York.

«MANOLITA» est à votre disposition pour vous donner gratuitement tous les conseils techniques pour transformer vos fourrures.

Prière d'une visite

“MANOLITA”

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160 — Tel. 4 0961



UM LIVRO QUE NINGUEM
PODE LER SEM SE RIR

VIAJANTES DE PAISES QUENTES

Por JUAN PEREZ ZUÑIGA
Tradução de MANUEL NEVES

As mais hilariantes cenas — Os episódios mais pitorescos. — As mais imprevistas aventuras.

Em busca duma raridade zoológica — Costumes e povos exóticos e sempre o riso nos lábios de quem lê.

VIAJANTES DE PAISES QUENTES

É O NOVO VOLUME DA JÁ FAMOSA COLECCÃO
«OS GRANDES HUMORISTAS DO NOSSO TEMPO»

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDITORIAL - SÉCULO
RUA DO SÉCULO, 63 - LISBOA

Chamam da casa do moribundo!

(Continuação da pág. 24)

jectavam caricaturas chinesas na parede e na bancada dos lençóis.

— Eu não expiei a minha falta... Mostre-mos, senhor abade, mostre-mos, eu quero vê-los... del-íes a minha vida, sacrifiquei-íhes tudo, fiz passar o abade Dauzarts por gatuno, só para os ter à minha beira...

O velho moribundo debruçava-se nervosamente no leito, tentando chegar ao cofre que Nicolau colocara sobre a cadeira. Mas o falso padre ergueu a mão num gesto violento, gritando:

— Quietol!

E o braço do moribundo caiu inerte. Estava morto, esse violador de altares, senhor daquele casarão e que passara a vida inteira por pessoa respeitável...

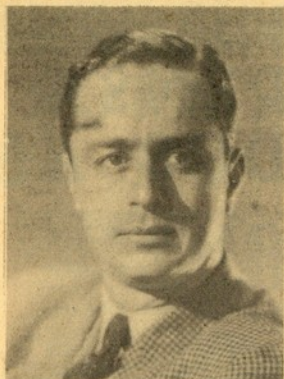
Nicolau pegou rapidamente nos vasos sagrados, embrulhou-os numa toalha branca que foi buscar a uma gaveta, e saiu sem lançar nem um olhar para o morto.

No dia seguinte, ao romper da alba, quando o sacristão foi abrir as portas da igreja, viu que um homem entrava atrás de si. Esse homem levava um saco branco. O sacristão seguiu-o com o olhar. E viu que o homem se dirigia ao altar-mor, onde colocava o saco diante do tabernáculo, para desaparecer logo em seguida...

A CAMINHO DA AMÉRICA...

Vai ganhar vinte contos por mês mas não deixa de falar aos portugueses...

— diz-nos o locutor Jorge Alves



HÁ muito tempo, quando a Rádio começava a ser uma coisa mais ou menos a sério, o Rádio Clube Português popularizava uns nomes... A Emissora, apenas tinha um ou dois nomes conhecidos. No entanto, o antigo CTIGL tinha o Cosme, a Mimí, o senhor Zacarias, a Mary, o Castelo, mais um ou outro e... o Jorge. Era o tempo glorioso do Rádio Clube Português. E o público habituava-se a tratar por tu o «Jorge do Rádio Clube» e a «Mimí, tão pequena e tão ladina»...

Mas o tempo corre depressa e a Rádio também. O Jorge fez-se homem. A Mimí é mesmo uma senhora. E vieram novos rumos, novos ambientes; e o Rádio Clube Português continuou o seu caminho.

Anos passados, apenas uma coisa não mudou: o «Jorge» continua a ser o «Jorge»... O mesmo irmão mais novo de todos nós, ouvintes e camaradas, o mesmo galato simpático, a mesma voz que nos entra em casa há quase 10 anos...

A sua actividade radiofónica vincou-se cada vez mais, e não é possível falar em coisas de Rádio sem cair num trabalho do Jorge, num dito do Jorge... O público adora-o, vendo nele o locutor consciente e honesto que, vencendo as suas próprias dificuldades, se tornou num autêntico profissional... Os camaradas, esses, sentem pelo Jorge a ternura especial que se pode ter por um pequeno mestre a quem se trata por tu e com quem se brinca, aprendendo...

Dopo de cinco anos de actividade na estação oficial portuguesa, Jorge Alves vai deixar-nos. Jorge Alves vai para a América do Norte!

Os ouvintes e aqueles que tinham nele o grande camarada que sempre foi, terão de saber vencer o egoísmo que os levaria a desejarem que não fôsse... Não! O Jorge parte e todos nós temos o dever de saber perder a sua intimidade, a bem da Radio-difusão portuguesa!

A Rádio da nossa terra vai ter, na terra da Rádio, o seu melhor representante. Ainda bem!...

Conseguir um lugar na Rádio americana é uma coisa complicada e difícil... Mesmo o Jorge, que tinha a atestar a sua pretensão, o seu trabalho de todos os dias, levou três anos a conseguilo. Nem sempre se dedicou ao assunto, é certo; o caso teve interregnos enormes. Mas, a verdade, é que tudo isto começou há três anos. Depois dum anúncio dum programa de intercâmbio luso-americano, o Jorge Alves teve a idêia de ir oferecer os seus serviços à legação competente.

O caso teve uma evolução acidentada: obstáculos, intrigas e invejas; mas chegou, ao fim de três anos, à conclusão actual. Há meses foi-lhe pedida uma prova de voz gravada e, desde então, tudo seguiu com certa rapidez. E, recentemente, o contrato

foi-lhe oferecido: iria para a América do Norte como locutor da secção portuguesa de «A voz da América», programa da «National Broadcasting Corporation».

Teria, além deste serviço — o que, aliás, tem aspectos de categoria e independência notáveis — uma possível interferência na direcção da referida secção, e ainda a locução dos documentários cinematográficos destinados a Portugal e Brasil.

As condições seriam: ao todo 850 dólares — cerca de 20 contos mensais. E, depois, as facilidades e o nível de vida que a América oferece...

E depois... tudo o mais!... E Jorge Alves aceitou.

No passado dia 11, o pessoal da Emissora Nacional reuniu-se num almoço de despedida a Jorge Alves. Estiveram presentes representantes de todas as secções da Emissora, locutores, músicos, etc. O ambiente, de pura e sã camaradagem, serviu bem para mostrar a sincera amizade que o «Jorginho» encontra em todos os seus colegas e superiores. Houve sempre, de princípio ao fim, a gargalhada e a graça — esplêndidos disfarces da lágrima piegas que todos tinham nos olhos e que muitos deixaram cair... Houve discursos, muitos discursos, muitos versos e, até, uma canção...

E, no fim, Jorge Alves agradeceu

comovidamente: «...Nunca fui homenageado... São vocês os primeiros!... Nunca pensei que tinha tantos amigos... e tão sinceros! Obrigado! Muito obrigado!».

E o almoço acabou. Muitos abraços. Lágrimas. E um desejo enorme: Boa viagem e boa sorte!...

— Tens alguma coisa que especialmente te interesse dizer aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada»?...

— Sim: agradecer-lhes. Agradecer, por seu intermédio, a todos, o carinho que sempre encontrei no decorrer da minha vida de Rádio... Os ouvintes portugueses são os meus ouvintes; para eles trabalhei e para para eles vou trabalhar. Agradeço-lhes que até aqui me tinham distinguido. E prometo-lhes que hei-de fazer sempre o possível para merecer o mesmo acolhimento.

— E tens algum agradecimento especial?

— Um, enorme: ao senhor Francisco Calheiros. Como sabes, eu estive condenado por muitos médicos a deixar a vida de locutor... A minha garganta ameaçava impedir o prosseguimento da minha carreira... Os médicos todos aconselharam-me a não continuar na Rádio... Só um homem me encorajou e me curou: o sr. dr. Francisco Calheiros. Peço-te um favor: diz aos teus leitores que, se parto para a América, que se a minha profissão é possível, tudo o

devo ao meu médico salvador. E diz também todo o meu reconhecimento...

— Quando, a partida?...

— Não sei ainda...

— E quando o regresso?

— Não sei também. Mas tenciono regressar.

— Já tens tudo em ordem: papéis, documentos, licenças...

— Sim, tudo. Olha, o passaporte recebi-o há pouco... Queres ver?

— Deixa ver...

E os amigos levaram-nos o Jorge. Nós ficamos com o seu passaporte na mão, vendo aquêle rapaz pequeno que tem na sua frente o mais glorioso caminho que a Rádio portuguesa até hoje ofereceu a alguém...

É justo. O Jorge merece-o. O Jorge fez-se sózinho. E venceu. Mas será possível, será de facto aquêle miúdo travesso, o locutor português contratado pela maior organização mundial de Rádio?!... Sim, é êle, de facto!... Pelo menos o passaporte assim o diz: «Jorge Ferreira Alves, nascido em S. Domingos de Rana, Cascais, de 29 anos de idade, com 1^m,63 de altura, filho de Elisa Pereira Alves e de Augusto Ferreira Alves, de profissão locutor de Rádio, que se destina sob contrato à América do Norte...». A América do Norte!... Que seja muito, muito, muito feliz!...

FERNANDO CURADO RIBEIRO

A FESTA NO TRINDADE

OS jornais deram a notícia: Jorge Alves, um locutor que o público aprecia e que os camaradas vêm partir com saudade para a América, deu conta, na última segunda-feira, de quanto valem as suas belas qualidades de inteligência e de camaradagem. A festa que se realizou no Trindade foi uma excelente parada de artistas, porque todos quiseram expressar a Jorge Alves esses mesmos sentimentos de estima, constituindo, ao mesmo tempo, um acontecimento invulgar entre nós, por representar um belo espectáculo de arte. Pode dizer-se que ninguém faltou: as grandes estrelas da nossa rádio e aquelas que se preparam para conquistar mais altos vãos. As palmas do público, as flores, os abraços, as lágrimas, as palavras que lhe ofereceram — tudo isso foi a melhor prova do apreço que têm pelo bom rapaz que é Jorge Alves.



Enquanto Igrejas Caeiro anuncia um próximo número, Jorge Alves rodeado de todos os seus amigos e amigas da Rádio sente-se feliz



Às
Três pancadas

Maria Matos, com Erico Braga a seu lado, deu a sua primeira peça nova da temporada, «Os velhotes», que Fernando Santos e Almeida Amaral foram buscar ao espanhol. Isto, que é pouco, já diz substancialmente do que se trata...

* * w

O autor espanhol chama-se José Lúcio — que podia parecer mas não é um pseudónimo. Tem-se a impressão de que a peça foi articulada sobre um sistema de ficheiro, suficientemente organizado. Os sentimentos são postos a funcionar com relativa facilidade — e tudo corre e discorre em bem.

* * w

Interpretes são muitos. Mas Erico Braga é o que leva sobre os ombros maior carrêgo: aliás, deve dizer-se, com facilidade e louvável disposição. Maria Matos descansa das suas «sogra», enquanto se prepara para outras. Helena, Benamor e Perry formam o grupo galante de primeira fila: com brio suficiente.

* * w

Tornada final: seria destes «Velhotes» que o teatro português mais precisava? É preferível deixar a resposta em suspenso... Enquanto não vão à cena «Os Novos», contentemo-nos com «Os velhotes»...

ESPECTADOR

UM INQUÉRITO A PROPÓSITO...
O QUE PENSA DA FORMAÇÃO DO GRUPO DOS AMIGOS DO TEATRO?

«Vida Mundial Ilustrada» lançou uma ideia que, rapidamente, obteve o aplauso e o comentário de muitas centenas de amigos do teatro — porque estes existem, só lhes faltando agruparem-se à volta da mesma bela intenção que é a de criar um núcleo capaz de disciplinar as forças dispersas e o gosto de fazer alguma coisa pela arte das artes. Hoje, além das opiniões que registamos — e que são de alguns dos mais comprovados «amigos» do teatro, queremos salientarmos o aplauso de alguns leitores que nos escreveram e, ainda, o artigo que, a respeito do nosso alvitre, Fernando Teixeira escreveu na «Acção».

— Como, apesar de tudo, creio firmemente e cada vez mais na existência de um teatro «português» por «portugueses» e para «portugueses». sublinho, muito intencionalmente, a palavra — adiro, do coração, à ideia. Mas... nada de grandes nomes de cartaz na comissão — apenas grandes «carolans»...

FALA O DR. JORGE DE FARIA



director da secção de Teatro do Conservatório, professor da mesma secção, crítico de títulos indimentáveis, um grande amigo e estudioso de assuntos de teatro:

— Como, apesar de tudo, creio firmemente e cada vez mais na existência de um teatro «português» por «portugueses» e para «portugueses». sublinho, muito intencionalmente, a palavra — adiro, do coração, à ideia. Mas... nada de grandes nomes de cartaz na comissão — apenas grandes «carolans»...

FALA O DR. VASCO DE MENDONÇA ALVES



um autor de larga experiência que deu ao teatro português algumas peças que ficarão sendo das melhores do nosso tempo:

— Interessa-me profundamente tudo o quanto possa exaltar e desenvolver o Teatro em todas as suas feições. Concorro, pois, com a criação dos «Amigos do Teatro», e há muito penso que à hora da mais lastimável decadência que atingiu, se deveria opor uma reacção bem orientada. Entendo, porém, que os «Amigos do Teatro» deveria ser uma agremiação dirigida e constituída, principalmente, por elementos sem interferência directa no Teatro, isto é, os que escrevem, criticam ou representam ou de qualquer sorte intervêm na arte, deveriam aderir e prestar com dedicação e entusiasmo a sua cooperação. Estes constituem o mesmo teatro;

no público, naqueles que estimam e apreciam a arte e os artistas e que estão os amigos do Teatro...

Que a agremiação tivesse, entre outros problemas, como um dos primeiros a demonstração e aproveitamento dos novos valores, julgo absolutamente justo e útil. Para tal, necessitaria de um salão ou pequeno teatro, onde se faria aparecer o mérito literário e artístico. Julgo, portanto, que a ideia lançada pela brilhante revista «Vida Mundial Ilustrada» merece, em princípio, o melhor acolhimento.

FALA EDUARDO SCARLATTI



um crítico que não precisa de adjetivos, e que só é pena que o seu amor ao teatro o não faça regressar à actividade crítica:

— Um núcleo de Amigos do Teatro? Acho muito bem. Não resolve a questão proposta, é claro, mas amigos são precisos até no inferno. Entretanto, será útil não esquecer o espírito de capela que reina entre nós... Enfim, sonhar não fica mal a ninguém!

FALA REDONDO JUNIOR



o último autor português revelado com «O atrevido», uma peça que fez discussões e ferro a muitos consagrados:

— A criação de um Grupo dos Amigos do Teatro é uma velha ideia que já eu e o nosso camarada Augusto Ricardo quisemos pôr em prática há mais de um ano. Mas as más vontades e o desinteresse de tantos fizeram-nos desistir. Ojalá que outros sejam mais felizes. Com grupo ou sem grupo, o que é necessário é salvar o Teatro. Antes de tudo, não seria mau uma campanha bem orientada e corajosa a revelar muitas e

muchas coisas que o público ignora e que seriam o fim de certos senhores que monopolizaram a produção. Dêses... e de outros...

FALA O DR. GINO SAVIOTTI



um dos mais considerados críticos italianos — 30 anos de actividade crítica... — director do Instituto de Cultura Italiana em Lisboa, autor de «O teatro contemporâneo italiano» e de «O paradoxo do

teatro português», um estudo ponderado da nossa arte de representar e que, como estrangeiro amigo de Portugal, tem uma visão pessoal dos factos e do meio:

— Vimos despertar, neste último ano, o interesse pelo teatro declamado. Portugal vem retomando a sua óptima tradição que deu ao Teatro europeu obras-primas como o «Frei Luís de Sousa», «Os velhos» e «A Ceia dos Cardiais», autores do mérito de Vasco de Mendonça Alves, Alfredo Cortés e Ramada Curto, para falarmos só da velha guarda. Acho muito bem, portanto, a formação de um Grupo dos Amigos do Teatro, pois tenho a maior admiração pelos autores e a maior confiança no público lisboeta e português, muito mais inteligente e sensível do que querem dizer alguns intelectuais e homens de teatro portugueses, talvez para justificarem a sua injustificável preguiça e inércia... Por isso, repito, aplausos a todas as iniciativas que possam contribuir para manter vivo o entusiasmo teatral. E a ideia de «Vida Mundial Ilustrada» parece-me destas. Só creio que haja o perigo de vê-la transformar-se num simples passatempo mundano, sem que os «técnicos» — autores, profissionais, críticos, empresários, verdadeiros actores — se interessem pelo Grupo. Além disso, e na previsão de que todas as pessoas que na sua vida, bem ou mal, têm feito uma peça — e são tantos, em todos os países onde se sabe ler e escrever! — a enviem ao Grupo, será possível pôr em reali-

zação a ideia de ler em público todas as obras recebidas, boas ou más? Um trabalho gigantesco! Penso que será necessário fazer-se uma escolha, encarregando pessoas competentes e de boa-vontade e que os autores desconhecem, de julgar em primeira instância e eliminarem sem apelação possível as peças que não mereçam a honra da leitura pública. Isto é difícil e até perigoso — mas tem de ser e, de resto, na vida nada do que vale a pena de ser feito é fácil e sem perigo de receber — em lugar de alguns agradecimentos, muitos desgostos...

FALA MATOS SEQUEIRA



por natureza «amigo» do Teatro, crítico teatral que, por vezes, sabe ver um espectáculo e comentá-lo com o desassombro que a sua competência autoriza:

— O nosso ambiente teatral — teatros, empresários, peças, autores, artistas, público — é tão acanhado de limites que redundante, comumente, num intimismo que o compromete. Conheçemo-nos todos. Os da sala e os do palco tratam-se por tu; empresários, autores e críticos quasi que são vizinhos de porta; os anónimos são impossíveis, e tudo se passa como que em família. Nestes termos, uma tradução do Theatre de Poche parece-me de todo inviável, e de adaptação mais difícil do que qualquer dessas peças espanholas que habitualmente vemos, que querem passar por portuguesas só com o mudar Saragoça para Leiria e os Pacos para Francisco. O que talvez fosse de aplaudir seria a efectivação de algumas conferências sobre teatro em que ouviríamos quem de direito pudesse falar. E teria também novidade que no saldo onde elas se dessem, se fizessem críticas verbais às peças que o merecessem. Sim, porque nem todos teriam direito a essa homenagem.

O Inquérito, por hoje, termina. Mas voltaremos ao assunto.

EDITORIAL AVIZ

apresenta

RICARDA HUGH

O CASO DERUGA

ROMANCE



Dulcinéa — C. Selvagem... 12\$50
Popita Ximenes — J. Valera 15\$00
Robert Koek — H. Unges 15\$00
A Morte de Camões — L. Tiéb 15\$00
O Vaso de Ouro — O. Jmann 12\$50
RUA DA TRINDADE, 20-2.º LISBOA

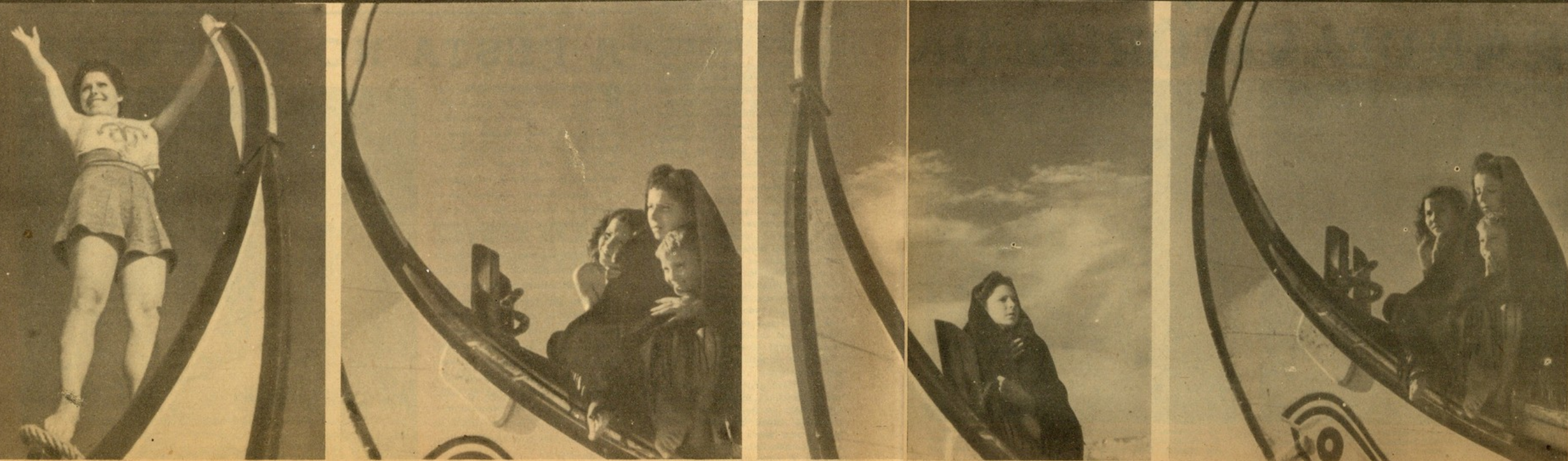
O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

NAZARE, praia de pescadores, é o cenário onde Lina Duval estuda os seus bailados



PORTUGAL é um romance e um festim de espumas bailadeiras. Pela costa portuguesa, as ondas do mar mansinho e irado dançam com o vento e embalam os barquinhos onde vão homens que são leões e lobos de valentia. Cá na praia, a orar pelos seus homens, ficam as mulheres de coração alanceado. O seu drama serviu de tema e de fundo a muita realização artística. E, entre tantas, depois das tintas postas vibrantemente na tela por Eduardo Malta, vieram os bailados de Francis e de Ruth.

Agora, é Lina Duval, essa artista tão inteligente e que tão bem emparceira e completa a arte de Salvador, quem vai interpretar o drama das mulheres da Nazaré, num bailado que com certeza obterá clamoroso êxito. De facto, Lina e Salvador, uma das mais valiosas parcerias de baile, e cuja fantasia e espírito criador tão belos momentos coreográficos nos têm dado, vão aparecer numa nova criação. Para tanto, Lina foi a Caparica, estudou sobre as ondas e na ponta das quilhas o ritmo das ondas e o clima dos almas da beira-mar.

Ei-la, em algumas fotos feitas por Jorge Garcia, quando estudava o seu novo bailado. Vê-la-emos, em breve, num dos nossos primeiros teatros de revista — e, certamente, não faltará, então, quem aplauda a insinuante bailarina que vai trazer para os nossos palcos uma cor nova e um sabor forte dos dramas da maresia.

Carta aos franceses

A neutralidade é uma política, a sua prática é um acto de governo. Compreende-se, também, numa era em que a Imprensa chegou à categoria evidente de força ao serviço do poder — alguns Estados como tal reconhecida na legislação escrita, noutros apenas em reconhecimento de circunstâncias de facto — que os governos, pelos seus órgãos intervenham no sentido de reclamar da Imprensa o reconhecimento das normas de neutralidade e seu acatamento. A verdade, porém, é que a posição de neutralidade é a resultante de uma série de práticas, atitudes, actos e maneiras. É, por assim dizer, uma compostura, um comportamento. Mas não há neutralidade possível dentro da nossa consciência. De resto, já Oscar Wilde o reconhecia, aliás sem grande esforço, ao proclamar que só somos neutros perante aquilo que nos não interessa...

Resolvo pôr de parte o desdém que sempre senti pelo uso da primeira pessoa do singular e peço licença para partir, nestas breves considerações, que vou dedicar aos franceses, da declaração que não precisei de esperar pelo dia da Libertação para me declarar amigo da França. A França, entre nós, mal ou bem, é uma coisa diferente do resto do mundo. Todos nós aprendemos muito por livros franceses, todos nos embobamos de cultura francesa, de arte francesa, do gosto pelo desejo de sempre e cada vez melhor conhecer a França e tudo que lhe diz respeito. Os dias trágicos de 1940 sentiram-se em Portugal, independentemente do pormenor de indagar da identidade do vencedor, como o desabamento, a submersão, a asfixia de sentimentos, idéias, numa palavra: de uma cultura que muitos de nós tínhamos entronizado como se fosse a de nós próprios.

Essas horas de tortura da França foram, por isso, o mais sinceramente possível, horas de tortura para muitos de nós, que se traduziram em sofrimento mudo, em abdicção, em renúncia voluntária a muita coisa querida, num recolhimento em que talvez entrasse o sentimento íntimo do luto. Era a França, tudo o que nos tínhamos habituado a admirar, a própria «Marselhesa» em arripes de estrangulamento. Não admira, por isso, que muitos de nós tivéssemos sentido, na mesma pulsação dos franceses, as jornadas heróicas e entusiasmadas da libertação, que, independentemente do curso da guerra — isso não se «sente», «pensa-se» — significavam a restituição da França à própria França, afinal de contas a restituição da França ao próprio mundo.

Muitos éramos os que assim sentíamos — e nem perdíamos tempo, sequer, em hesitações a pensar qual seria o destino da França, porque sabíamos muito bem, em convicção serena e inabalável, qual havia de ser esse destino, que sentíamos quasi como coisa própria, pelo menos como própria do nosso espírito. Não é, por isso, como críticos amargos ou, sequer, como indiferentes, mas como amigos devotados, que muitos de nós sentimos e sofremos o espectáculo doloroso dos dissídios que repartem os franceses, que estão a consumir forças acusando-se mutuamente e entrematando-se com um ímpeto que melhor poderia consumir-se noutro fim. Bem sabemos que a França suportou a mais dura provação, que foram muitos os seus filhos que não tiveram ânimo bastante para fazer face à verdadeira tormenta, que com excessivo comodismo e leviana simplicidade se dispuseram a aceitar a má sorte e dela extrair uma nova forma de vida — uns por levandade, outros por falta de espírito de sacrifício, outros ainda por má-fé, todos por má visão. Bem sabemos que o mundo vive uma hora em que nas suas entranhas se gera alguma coisa de diferente e que esses momentos se não passam sem dores violentas e demoradas. Mas essas dores já foram muitas, muito tem sido o sofrimento, o sangue tem corrido em abundância. A lição que o mundo espera da França é a lição da concórdia, da tolerância, da compreensão — e não a atmosfera da guerra civil, da denúncia, da vingança, do ódio latente e envinagrado. O que se espera da França é a sua proverbial expressão de «mesure», de bom senso, de calma, de sabedoria e de prudência — a sua contribuição indispensável para que o mundo se recomponha e se recree ao mesmo tempo com firmeza, com tranquilidade e com serenidade, pois essa é a imagem da França que todos nós aprendemos a amar. J. R. S.

FRANÇA

A imagem da realidade num discurso de De Gaulle

A França safu apenas de um abismo, e é preciso que lancemos a corda para nos livrarmos de uma nova queda. Esta é a expressão que transparece de um dos últimos discursos de De Gaulle que, em uma síntese notável, traçou a imagem real da França de hoje. Sem dúvida, parecerá que ao Governo que ele encabeça se ergue apenas para solução o problema das milícias e das forças francesas interiores, que não querem hoje ser desarmadas. Entretanto, De Gaulle, ao pedir a união de todos os franceses, faz o balanço das dificuldades: trezentos mil mortos nos campos de batalha ou sob o regime de ocupação; três milhões de deportados ou prisioneiros; fábricas de armamento reduzidas ao mínimo de produção; pontes destruídas; caminhos de ferro e estradas intransitáveis; meios de transmissão quasi impraticáveis; minas em estado deplorável; fábricas sem carvão e sem energia eléctrica; utensílios agrícolas gastos; os «stocks» de carburantes, combustíveis e matérias-primas esgotados — e tudo o que resta aos franceses de material rolante e de transporte, concedido ao comando inter-aliado, para apressar a vitória. Essa vitória não virá cedo, porém — pensa De Gaulle — e os franceses têm de trabalhar, não só para se recuperar, como também para marchar à frente.

Os Aliados são Estados, cada um das tropas aliadas: dos quais, ao combater o inimigo comum, tem os seus interesses e a sua política a defender.

E, referindo-se ao sentimento de estranheza dos franceses, perante uma França presentemente relegada dos problemas da paz e da guerra, De Gaulle disse que o futuro se encarregaria de demonstrar até que ponto terá sido útil ao mundo uma tal relegação.

— Antes de tudo, temos de contar conosco! Mas é preciso dar aos estrangeiros a medida do que vale o nosso povo, injustamente infeliz.

BÉLGICA

Como funcionava a propaganda ocupante

FRANCE, um dos jornais que alimentaram o espírito de resistência da França, dizia, há pouco, que a Bélgica, presentemente, procede ao depuramento patriótico, tal e qual está a suceder noutros países, punindo aqueles que, de algum modo, alimentaram a presença do inimigo no solo nacional. E alguns dos principais elementos incriminados são, precisamente, os jornais e os homens que os faziam. A Associação Geral da Imprensa emitiu a opinião de que os colaboradores de jornais da ocupação alemã devem ser todos considerados elementos pertencentes antigamente ou ainda hoje, a uma formação militante do inimigo dirigida contra o espírito público da pátria. Desde já, a Associação procedeu à radiação de 80 membros da secção da Imprensa de Bruxelas, havendo ainda outros elementos indigitados para ser irradiados, por serem considerados agentes da «Propaganda Abteilung» — secção de propaganda alemã. A esse grupo pertencem: os diários de informação; os jornais especializados («sports», etc.), que, no mínimo, apareciam quatro vezes por semana; hebdomadários políticos, comentadores da imprensa diária; agências de informações para os jornais — e emissões radiofónicas, comentadas e faladas.

E ainda a mesma Associação Geral de Imprensa Belga que conclui: «a organização do ocupante agrupava os colaboradores destes órgãos em cinco secções, sob a autoridade de chefes designados pelos agentes da «Propaganda Abteilung», e todos os colaboradores de jornais, agências e rádio devem ser relegados da comunidade belga porque serviram os interesses inimigos durante a guerra».

As sepulturas chelas, as casas destruídas — 600 mil franceses ficaram sem lar! — o mundo desconfiado... Que maiores dores esperarão a pátria do espírito?



Para celebrar a reeleição de Roosevelt, haverá este ano, como em 1940, uma grande parada, um desfile monstro que terá por cenário a capital de Washington.

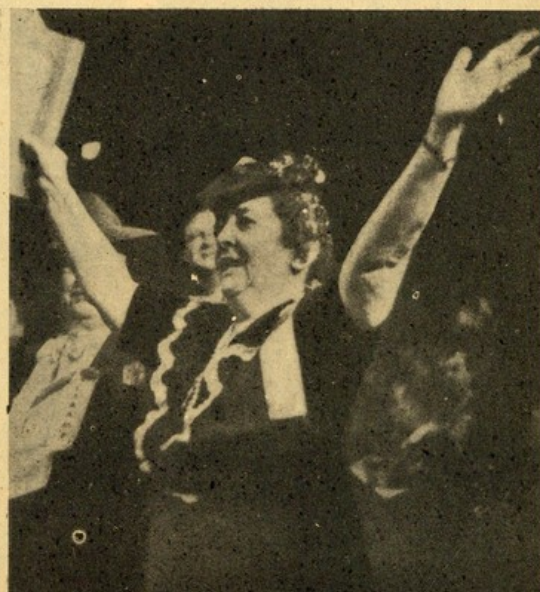
A REELEIÇÃO DE ROOSEVELT

UMA GRANDE VITÓRIA DA DEMOCRACIA AMERICANA!

O mundo desviou, durante uma semana, o olhar para a política da América. A eleição do Presidente do país «leader» americano passou a ser depois da destruição da política de Monroe, um barómetro dos acontecimentos do mundo inteiro. E nunca, como nestes dois últimos quatrénios, a política americana apaixonou tanto a opinião mundial, porque nunca, como agora, a política americana esteve ligada aos destinos do mundo e à conservação da paz. A luta eleitoral — uma luta pacífica, aliás — foi renhida, porque os americanos, dentro de um princípio sagrado de livre opinião, fizeram a propaganda dos seus ídolos sem deixar de cumprir com os seus deveres de cidadão. Roosevelt, o «leader» proposto pelo partido democrático, tem agora assegurada a sua tarefa de paz, na reconstrução do mundo.



Os comícios, os grandes cortejos eleitorais revestiram-se, este ano, de um pitoresco incrível. Eis a «máquina de guerra» em acção!



As mulheres americanas não são das menos entusiasmadas. E não se diga que é uma americanice da gente nova das cidades. Esta senhora que grita o nome de Roosevelt é de Virginia.



Os camponeses americanos não deixaram, por sua vez, de manifestar a sua opinião a respeito da política do sr. Roosevelt. Não é verdade que ele está a dizer: «Pois claro, viva Roosevelt!».



Sabem quem é esta senhora que está a chorar? Nada menos: a mãe do sr. Dewey, o candidato à presidência derrotado.



O Presidente Roosevelt, triunfador pela 4.ª vez das eleições que o levaram por mais quatro anos à direcção dos destinos da América.

PÁGINA DAS UTILIDADES



O VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA SE UTILIZAR OS LÁPIS DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES GERAIS
DUNKEL & ANTUNES, L.^a
 R. AUGUSTA, 56-1.^o
 TELEFONE 2 4251
 * LISBOA *

PHILIPS



1945

SONORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Rádio Luz
 Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa
 Tel. 2 4888



FÁBRICA PORTUGAL



CRISTAIS
 CUTELARIAS
 PORCELANAS
 ALUMÍNIO
 LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2.^o 2.
 Pr. RESTAURADORES, 49-37
 AVENIDA DA REPUBLICA, 67
 RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
 47157 - 8 - 9
 2 4948 - 4 1189 - 4 9109

L I S B O A



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
 COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
 LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

MAQUINAS DE COSTURA



HUSQVARNA

UMA PERFEIÇÃO DA INDÚSTRIA SUECA

VENDAS A PRONTO
 E A PRESTAÇÕES

CASTRO & SOUSA, L.^{da}

P. DOS RESTAURADORES, 13. 3.^o
 LISBOA — TELEFONE 2 9888



Porcelanas da VISTA ALEGRE

À VENDA EM TÓDAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE
 E NOS SEUS DEPÓSITOS DE LISBOA E PORTO



PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «HORUS» TINTAS PARA TSCREVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS

MOISES & REIS, L.^{da}
 FÁBRICAS: TRAV. DAS ÁGUAS VIVAS, 11
 TEL. 2 22 22 - 2 4 - 4 9 7
 SUA FÁBRICA DE POLVORA, 22-B
 TELEFONE 81-601
 LISBOA

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

Solução do problema n.º 23

○ Inspector pensou que Gregory Dower e Martha Post mentiam proposadamente. Sobre tudo, a história de ambos apresentava duas fôlhas capitais:

1.º—Martha Post dissera que ia remar, quando já perto da ponte vira a lutar dois amigos lá no alto. Como era isso possível se ela estava de costas e quase debaixo da ponte? Assim, não tinha nenhuma possibilidade de ver o que se passava lá em cima.

2.º—Ambos declararam que Paul Cracker segurava o revólver, com o qual pretendia matar o seu sócio Cower. Como se compreende então que o inspector encontrasse esse revólver nas algibeiras do cadáver?

Além destas duas provas decisivas havia ainda a notar que a distância entre o local onde Martha dizia estar e aquele em que Paul devia ter caído era relativamente curta e dava possibilidades de salvamento.

Apertados num interrogatório severo e em vista das suas mentiras, Gregory Dower e Martha Post acabaram por declarar que tinham atirado Paul ao mar, empurrando-o quando passavam com ele na ponte. Com a morte de Paul, Dower ganhava quase uma fortuna, mercê dum negócio realizado pelos dois, e como estava apaixonado por Martha pensava fugir com ela. Mas... há sempre um «mas»...

CORRESPONDÊNCIA

ATENÇÃO—Por lapso não saíram no Quadro de Mérito do Problema n.º 21 os nomes de *Leiria Dias* (Lisboa) e de *J. Simões* (Caldas da Rainha), em Mérito Absoluto e *Esaj Rapsag* (Covilhã), em Mérito Relativo. Pedindo desculpa do sucedido, comunicamos que as posições desses três solucionistas já se encontram devidamente rectificadas.

NOTA IMPORTANTE—Ainda que sem alcançar o mínimo de pontos necessário para figurar no Quadro de Mérito do Problema n.º 22, receberam Menção Honrosa nesse problema os solucionistas «*O Máscara de Cobre*» (Moita), *Inspector Mariano* e *Detective Janes* (Setúbal) e *J. Simões* (Caldas da Rainha).

LEIRIA DIAS (Lisboa)—Li com a melhor atenção a sua carta e agradeço-lhe reconhecido as suas palavras. De entusiasmos como o seu é que esta página necessita. Quanto ao lapso do problema n.º 21 já está esclarecido. Retribuo as saudações.

J. A. S. (Estoril)—Transmito o seu desejo de se corresponder com *Detective Açoreano*, porque também é açoreano, por intermédio desta página. Mas para isso tem de me enviar nome e morada.

JULIO FOGAÇA DOS SANTOS (Lagos)—Parabéns pela sua estrela. E... cumprimentos à rapaziada de Lagos.

REPÓRTER MISTÉRIO

PROBLEMA N.º 24

Morreu o senhor doutor!

ESTE problema é, possivelmente, o penúltimo da 1.ª série — eis a maior novidade que podemos dar hoje aos nossos leitores. Portanto, muita atenção. As soluções devem ser enviadas até 22 de Novembro, sem falta!



1 As vinte e três horas, o inspector Jackson foi inesperadamente chamado de casa do doutor Pierce: «Morreu o senhor doutor! Venha depressa, por obséquio!»

Daí a minutos já ele se encontrava no laboratório do doutor Pierce, diante do cadáver do velho e famoso cientista. Megan Pierce, a viúva, não escondia a sua profunda desolação e parecia duvidar ainda da morte do marido. Por seu turno, Gilbert Mauser, o assistente de Pierce, e Jenny Kemp, uma prima de Megan, estavam impressionadíssimos.

Cada um fez o seu depoimento sem hesitações:



2 Megan Pierce, a viúva, afirmou que adormecera após o jantar. De repente, acordou, lembrou-se de perguntar uma coisa ao marido, veio ao laboratório e encontrou o doutor já morto.

Gilbert Mauser, o assistente, declarou: «O doutor Pierce estava tentando descobrir uma nova fórmula, absolutamente sensacional. Não queria deitar-se, sem terminar as experiências. Por fim, aí há uns vinte minutos, pediu-me para lhe arranjar qualquer coisa para comer. Como a criada estivesse detida, fui à cozinha preparar o que o doutor queria. Quando voltei com as sanduíches e o leite encontrei-o morto. Penso que ele se tenha suicidado por causa de algum fracasso nas experiências. Era um homem muito brioso.

(Leia solução no próximo número).



3 Jenny Kemp ergueu a cabeça e apontou a prima com severidade: «Não me posso calar. Tenho a certeza que ela matou o marido. Sabia que ele me cortejava, e o ciúme enlouqueceu-a.

O inspector Jackson calmamente voltou a examinar o local. Pierce fôra morto ou suicidara-se?

O corpo apresentava dois profundos e fatais golpes dados por uma tesoura. A morte fôra instantânea. Mas a tesoura não apresentava impressões digitais algumas. Além disso, havia ainda um vago cheiro a éter no ambiente. A página de registro da experiência estava incompleta.

Então, de repente, Jackson perguntou: «Quem trouxe a tesoura para o laboratório?». Houve uma pausa. Depois, Jenny afirmou: «Foi Megan. A tesoura pertence-lhe. Vi-a esta tarde com ela!»

Jackson não quis saber mais nada. O problema estava resolvido. Como? Porquê?

TRIBUNA DO LEITOR

Arquivo de opiniões, alvires, comentários, etc.

TRES ALVITRES DE ARTUR VARATOJO

1.º—Fazer um inquérito entre os leitores para que se pronunciem sobre os livros e os autores preferidos como prémios dos Concursos Mensais.

2.º—Criar uma secção de perguntas e respostas. Em cada número viria um certo número de perguntas, feitas pelos leitores, e versando estritamente assuntos policiais (armas criminosas, crimes célebres, venenos, etc.). Os outros leitores dariam as respostas e por cada resposta certa seria marcado um ponto.

3.º—Será possível para aqueles que mais se distingam nos Concursos Mensais arranjar-lhes uns cartões de livre-trânsito, em locais de crime, autenticados pela nossa polícia? Uma espécie de detectives-amadores!...

Artur Varatojo

UMA CURIOSA PROPOSTA DE MIMI SHERLOCK-HOLMES

«Antes de mais nada devo dizer que esta página merece o meu mais entusiástico interesse. E creio que

deve merecer o mesmo interesse a inúmeras pessoas. Algumas conheço eu, e — vá lá a inconfidência... — são pessoas cultas, com posição social. Acho bem. Problemas policiais são o melhor exercício para o cérebro — tal é a opinião de Roosevelt...

Vamos agora à minha proposta: Proponho criar-se um sistema original de apostas à volta dos Concursos Mensais, que se faz em algumas revistas estrangeiras. Eu explico: antes de cada Concurso Mensal, os leitores apostariam um livro (romance policial) no seu favorito para qualquer das modalidades. No final do Concurso, aquele ou aqueles cujo favorito vencesse receberiam os livros dos outros leitores... com menos sorte. E assim por diante. Que tal?

Mimi Sherlock-Holmes

NOTA DO REPÓRTER MISTÉRIO

Peço a todos os meus prezados leitores o obséquio de se irem pronunciando sobre as opiniões, alvires, comentários e propostas apresentadas nesta secção. Assim, estaremos todos de acordo.

REPÓRTER MISTÉRIO

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 22

MÉRITO ABSOLUTO:

- (21) Leiria Dias (Lisboa), com 63 pontos.
- (2) Repórter Guadiana (Parede), com 63 pontos.
- (15) Alberto de Penamacor (Coimbra), com 62 pontos.
- (1) Júlio Fogaça (Lagos), com 62 pontos.
- (17) Artur Varatojo (Lisboa), com 61 pontos.
- (17) Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa), com 60 pontos.

MÉRITO RELATIVO:

- (11) Ele e eu (Lisboa), com 59 pontos.
- (10) José Bálamo (Lisboa), com 59 pontos.
- (16) Teimoso n.º 1 (Loulé), com 58 pontos.
- (12) R. P. (Lisboa), com 57 pontos.
- (3) Detective Vaos (Pórtó), com 56 pontos.
- (11) Rocanoli (Nelas), com 56 pontos.
- (11) Carlos Idães (Lisboa), com 55 pontos.
- (19) João Alberto Gouveia (Guarda), com 55 pontos.
- (14) M. (Algés), com 55 pontos.
- (13) «Philo-Vance» (Lisboa), com 55 pontos.
- (5) Elvira de Castro (Ermezinde), com 54 pontos.
- (14) O Lobo Solitário (Pórtó), com 54 pontos.

- (15) Rómulo (Lisboa), com 54 pontos.
- (5) José de Sousa (Pórtó), com 53 pontos.
- (15) M. Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros), com 53 pontos.
- (20) Natércia Leite (Lisboa), com 52 pontos.
- (20) Zírteba (Lisboa), com 51 pontos.
- (18) F. Edgar Trigo (Ermezinde), com 49 pontos.
- (2) José de Sequeira (Lisboa), com 49 pontos.
- (3) Homem-Lua (Lisboa), com 48 pontos.
- (16) Ivone Costa (Lisboa), com 47 pontos.
- (12) António C. Bernardo (Loures), com 46 pontos.
- (1) Repórter Licam (Lisboa), com 45 pontos.
- (7) Sete de Espadas (Aguilva), com 45 pontos.
- (2) Detective Águia (Lisboa), com 42 pontos.
- (1) Detective «Semnobar» (Tavira), com 42 pontos.
- (13) Mário Claro da Silva (Pórtó), com 42 pontos.
- (1) Camf (Manteigas), com 41 pontos.
- (18) Rapsag (Setúbal), com 41 pontos.
- (1) Detective Açoreano (Lisboa), com 40 pontos.
- (1) Fantoma (Lisboa), com 38 pontos.
- (9) Fernando Rosa (Leiria), com 37 pontos.

Concursos mensais de Mistério e Aventura

ARQUIVO DE PROBLEMAS

Foram enviados para estudo mais os seguintes problemas:

Crime ou Acidente? — por Máscara de Cobre (Moita).

O caso do major Clark — por Detective Vaos (Pórtó).

O Mistério do Laboratório — por R. P. (Lisboa).

A morte de Artur Crossey — por José de Sousa (Pórtó).

O assasinato do negociante — por Artur Varatojo (Lisboa).

Quando Sing-Lang morreu... — por Leiria Dias (Lisboa).

QUAL É A SUA OPINIÃO?

Seguindo o registro das várias opiniões dos solucionistas, pedimos

agora a *Manuel do Carmo Peres*, a *Ele e eu*, a *M. S. A.* e a *Rapsag* para nos dizerem por escrito, e sucintamente, o que pensam desta página e dos próximos Concursos Mensais.

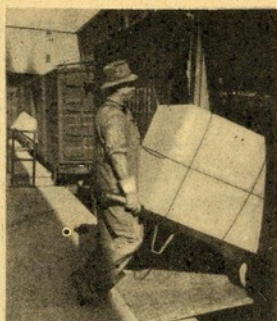
FICHEIRO

Voltamos a pedir aos leitores que ainda não o fizeram o obséquio de enviar juntamente com o pseudónimo o nome verdadeiro e a morada respectiva para conveniente organização do nosso ficheiro particular.

CORRESPONDÊNCIA

Deve ser sempre enviada para *Repórter Mistério* — «*Vida Mundial Ilustrada*», Rua da Emenda, 69, 2.ª, Lisboa.

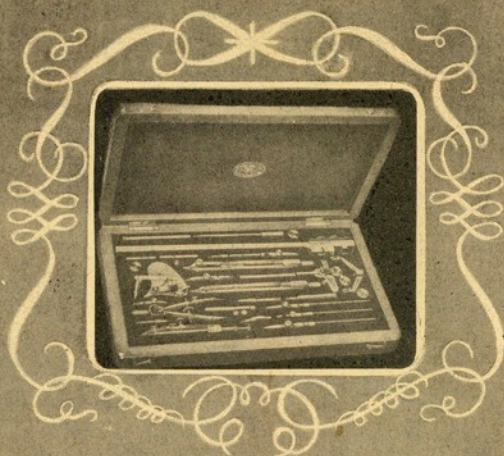
NÃO E POR IREM
BEM ACONDICIO-
NADAS QUE
AS SUAS
MERCADORIAS
VÃO BEM
SEGURAS
MAS SIM SE
FOREM
SEGURAS NA



★ **ULTRAMARINA** ★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

VIDA
MUNDIAL



PARA A ABERTURA
DAS AULAS
MATERIAL ESCOLAR
E CIENTÍFICO

PIMENTEL & CASQUILHO, L.^{DA}

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 75
ESQUINA DA TRV. DE SANTO ANTÃO
LISBOA / TELEFONE 2 4314

VIDA
MUNDIAL



UM GRUPO DE ALUNAS ENTRE AS QUAIS SE ENCONTRAM AS
PREMIADAS POR MADAME CARMONA NO MOMENTO DE PRES-
TAREM HOMENAGEM A' NOSSA DIRECTORA



A MELHOR E MAIS FREQUEN-
TADA DE TODO O PAÍS - CURSOS
DIURNOS E NOCTURNOS - ATE-
LIER DE CONFECÇÕES EM TODOS
OS GENEROS DE ALTA-COSTURA,
BORDADOS E EXPOSIÇÃO PER-
MANENTE DOS ULTIMOS MODE-
LOS DE CHAPEUS.

ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPEUS
SÉDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
RUA DE S. LAZARO. N.º 127-1.º E 3.º ANDAR

VIDA
MUNDIAL



*Abandone os
processos velhos*

Os ateliers gráficos

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

executam por processos modernos qualquer trabalho em

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Os comerciantes inimigos da Rádio...

A propaganda comercial ao microfone anda em Portugal bem longe de admitir qualquer compensação com a situação que conquistou noutros países. O comerciante português convenceu-se de que a publicidade radiofónica só tem possibilidade, quando se resume à leitura dum texto publicitário. E pensando assim, prejudica a nossa Rádio. As estações que fazem publicidade radiofónica bem podem esforçar-se por convencer o anunciante de que uma enorme distância separa a transmissão dum programa publicitário, da transmissão seca duma leitura com um fundo musical!...

O «sponsored program» — programa com locutor, artistas, organizador, orquestra, etc. — não é, como pode parecer, um desperdício de dinheiro. O anúncio isolado limita-se a roubar o tempo ao ouvinte, fora de qualquer compensação; o programa organizado oferece entretenimento em troca da atenção do ouvinte.

O anúncio sóto é publicidade que

persegue o ouvinte e que o apanha, mal êle se distraí... O programa organizado é publicidade que o ouvinte procura.

O estado actual da publicidade radiofónica é prejudicial para todos: para os ouvintes, porque se aborrecem; para o anunciante, porque não tira dela o rendimento possível; para a própria estação, porque prejudica os seus programas e perde ouvintes.

Senhores comerciantes: pensem no caso e não digam que a publicidade aqui aconselhada é mais cara! Em vez de sete anúncios, apenas um programa semanal; em vez, de 30 anúncios, apenas um programa mensal.

E que programas se podem fazer, com êsse dinheiro!...

Repetimos: senhores comerciantes, não prejudiquem a nossa Rádio, pelo vosso conceito errado de publicidade...

FERNANDO CURADO RIBEIRO



HARRY JAMES O REI DA TROMPETE

A orquestra dirigida por êste artista celebra no mês corrente, o seu quinto aniversário. Na América, anda tudo doido com HARRY JAMES... De facto, êste espantoso instrumentista conseguiu colocar-se entre os maiores expoentes do difícil instrumento que é a trompete. Ganhou recentemente o primeiro lugar no concurso nacional, batendo OLEN MILLER e ingressou no elenco da «Metro-Goldwyn-Mayer» para a qual fêz três filmes.

A sua actuação na Rádio norte-americana se sempre foi grande, agora é enorme... HARRY JAMES, artista que a Rádio revelou, atingiu a glória!...

Eis os seus primeiros passos artísticos: filho dum trompetista e director duma banda de circo e duma trapezista, começou a tocar trompete aos 11 anos. Durante os seus estudos ganhou diversos concursos musicais. Em 1936, como prenda de Natal, BENNY GOODMALL, ofereceu-lhe um lugar na sua orquestra. Começou então a sua carreira na Rádio. Anos depois formou a sua orquestra, obtendo para vocalistas, Hellen Forrest e Frank Sinatra (hoje, o ídolo da América...).

E a vida seguiu, sempre com a boa-estrela precisa... E até para completar, essa boa-estrela deu-lhe como esposa, BETTY GRABLE, — outra boa-estrela, talvez a única da vida de HARRY JAMES...

«GONGS»

— CRÍTICA
— INFORMAÇÕES
— COMENTÁRIOS

A convite de Rádio Peninsular, Tito Lívio gravou nesta estação algumas canções portuguesas. As gravações irão valorizar os programas desta estação.

Muito boa a interpretação de Mary e do autor.

No princípio dêste mês, pediram a demissão do cargo de locutores da Emissora Nacional, Jorge Pereira Alves e Fernando Curado Ribeiro, dizendo-se que Maria de Rezende se demittiu também. Sendo assim, verifica-se que, em dois meses, pediram a demissão cinco locutores do quadro oficial da Emissora Nacional: Aurea Reis, Maria de Rezende, Olavo de Ega Leal, Jorge Pereira Alves e Fernando Curado Ribeiro.

E consta que outros dois saíram num futuro próximo...

Há duas semanas, Rádio Clube Português transmitiu um episódio dialogado de teatro radiofónico. Foi seu autor Humberto Mergulhão. Êste episódio mereceu, sem dúvida, o maior aplauso. O seu título, «No reino das coincidências», marca um trabalho com intenções dirigidas que atingiu plenamente o seu fim...

Na Rádio Nsec, do Pôrto, há um locutor que tenta em imitar um conhecido locutor da nossa estação oficial.

Na Rádio Peninsular, de Lisboa, há outro locutor que escolheu um outro «figurino» oficial...

A moda pegou, pelo que se vê... Até já há locutores da mesma estação a imitar-se!

OBRAS DO MICROFONE

ARTUR AGOSTINHO o novo locutor de Rádio Clube Português

DESDE Agósto dêste ano, Rádio Clube Português tem ao seu serviço um novo locutor que, de há muito, se havia imposto como um bom elemento. A sua voz, já conhecida dos postos particulares centralizados, foi, assim, valorizar grandemente o quadro de locutores da segunda estação portuguesa. Trata-se de Artur Agostinho, e que trazemos hoje aqui nos breves apontamentos duma conversa ligeira.

Em 1940, quasi por acaso — o acaso de sempre... — estreou-se ao microfone de Rádio Luso, em substituição dum locutor que não apareceu...

Faltou-lhe o ar, respirou com dificuldade mas, lá fêz o primeiro anúncio: «...vão ouvir a canção de Peter Lesenco...» — e seguiu-se um nome ilegível, 100 % russo e complicado. Mas, após êste anúncio, muitos outros se seguiram... Depois de Rádio Luso, passou ainda pelo Clube Radiofónico, por Rádio Peninsular, pela Voz de Lisboa, etc., para, pouco depois, ser considerado o melhor locutor das estações centralizadas.

— A nossa Rádio, que tal?

— «Muita falta de dedicação... muito amadorismo... No entanto, de vez em quando, nota-se um esforço no sentido de melhorar...

— O remédio?...



proveitoso um programa semanal do que sete anúncios diários... Parece-me, no entanto, que, vencendo êste obstáculo, R. C. P. pensa modificar e melhorar a sua publicidade.

— Qual a tua maior aspiração na carreira de locutor?

— Atingir um nível de trabalho que me satisfaça... Quando tal se der, devo satisfazer a quasi todos, porque eu sou exigente!

— Qual a tua maior emoção, até hoje, em trabalho radiofónico?

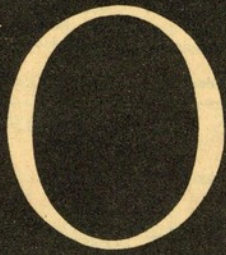
— Uma transmissão realizada do teatro Apolo... Havia enormes restrições do assunto: não se podia falar da peça, do público, dos artistas, etc. O assunto autorizado esgotou-se com facilidade e esperai a campainha... Ouvi as pancadas de Mollière e chamei a atenção dos ouvintes para o espectáculo que ia começar... Mas o espectáculo não começou... e eu estive a falar 10 minutos do pouco que podia dizer... Parece-me que até disse quem era o electricista de cena, o carpinteiro, etc... Um mau bocadão!

— Sobre a Rádio estrangeira?

— Gosto da B.B.C. e da N.B.C... Gosto da Rádio brasileira mas, principalmente, dos relatos de futebol que o Brasil nos transmite...

— Por quê?

— Por tudo... Pelo dinamismo, rapidez de visão, etc. Até pela publicidade que no meio do relato se inclui!... E até por um caso que me «dá no gôto»: sempre que oiço chamar «pelota à bola» não contengo um sorriso de simpatia!...



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO



PREGUNTE!

Que doenças pode o cão transmitir?

O cão é, na verdade, dos animais mais amigos do homem, mas o convívio com os cães não está isento de numerosos perigos. Podem transmitir a raiva quando o vírus passa o organismo humano através de mordeduras ou escoriações ensalvadas, e note-se que o vírus da raiva se pode encontrar na saliva dos animais 15 dias antes de nêles se manifestarem os primeiros sintomas da doença.

Outro mal, é a febre escararodular, de carácter favorável, podendo confundir-se com o tifo exantemático e outras doenças eruptivas. É causada por um germen vizinho das bactérias, a *Bickettsia canori*. Cerca de 30 % dos cães podem apresentar uma infecção latente, transmitida pelas carraças que os infestam. Em 1942 registou-se um aumento de febre escararodular em Lisboa e nos arredores.

O Kala-Azar ou Calazar está largamente em Portugal afectando sobretudo as crianças, e é também pegado pelo cão. Este animal é o reservatório dos agentes causadores do Calazar, a *heishmania infantum*. Certos insectos picadores são os transmissores do mal. O Calazar causa lesões profundas no organismo e produz uma acentuada anemia. Em Lisboa, esta doença é frequente.

Outra doença disseminada pelo cão é o *quistó hidático*, largamente difundido pelo país. O quisto hidático é a forma larvar dum verme, a *Taenia echinococcus*, que sofre variadas transformações durante a sua vida. O harum infecta-se ingerindo, sem dar por isso, os seus ovos, o que pode acontecer ao fazer-se uma carícia a um cão.

Aponte-se ainda a *Dipiltidase*, de-

Novo tratamento da furunculose

Um sábio norte-americano, segundo informa o *Journal of American Association*, emitiu novas idéias sobre a causa dos furúnculos. Considera que a furunculose é primariamente causada pela contaminação da flora normal da pele por bactérias produtoras de furúnculos. Baseando-se nesta hipótese, o investigador americano propôs como tratamento o emprego de uma solução de álcool etílico a 70 % por péso (não por volume). Esta solução é um germicida eficiente que não lesa a pele normal, mesmo depois de contacto prolongado.

A aplicação científica desta solução, friccionando levemente a pele com gese durante 20 minutos, esteriliza-la completamente. O tratamento não deve ser usado em feridas abertas e também não se deve esperar que drene fistulas ou folículos pilosos (raízes dos pelos), já muito contaminados.

O tempo óptimo para utilizar o novo método, segundo a opinião do seu criador, é o intervalo que medeia entre a cicatrização do último furúnculo e o início da formação seguinte.

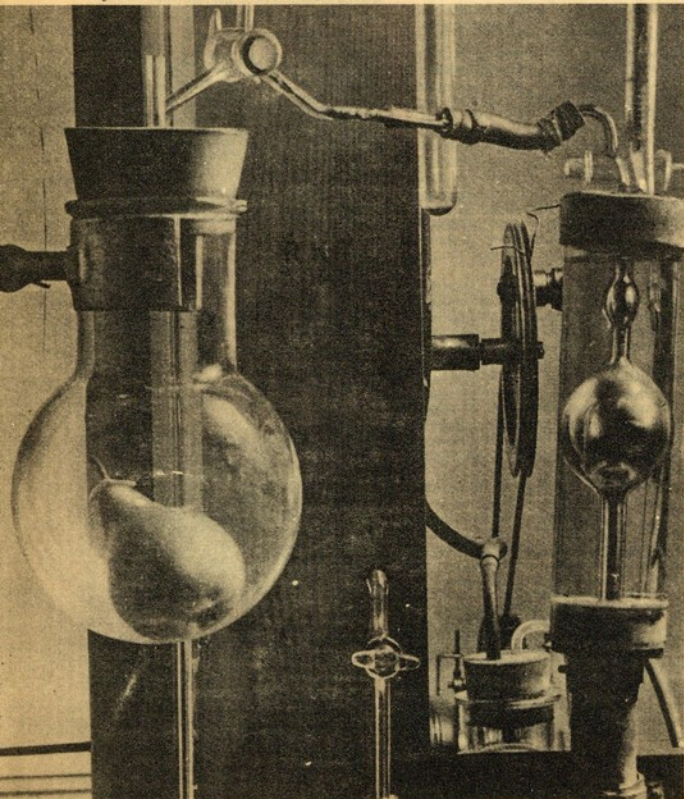
Em apoio das suas idéias, o sábio descreve onze casos de furunculose tratados deste modo que tiveram uma cura imediata e permanente. Também aconselha o tratamento para os furúnculos isolados, e diz que cústicos como o iodo e o fenol, aplicados a um furúnculo ou à pele vizinha, fazem mais mal do que bem.

vido ao *Dipylidium caninum*, um verme (o homem pode infectar-se quando engole uma pulga), e as *heptospiroses canícolas*, causadas pelas *Leptospiros canícolas*, que originam certas espécies de meningites nos homens.

(Pergunta da leitora M. N. P. — Lisboa).

AS FRUTAS RESPIRAM!

NAS árvores, não são apenas as folhas e os troncos que respiram: as frutas precisam de oxigénio e lançam fora anidrido carbónico. O consumo de oxigénio vai declinando na medida que o tempo passa e a fruta se encontra fora da árvore. Aparelhos complicados, como os que a foto mostra, determinam qual o limite máximo de anidrido carbónico suportável. A aplicação prática destas investigações tem permitido aos pomicultores conservar por muito tempo os frutos armazenados, e fornecer o mercado durante todo o ano. Por outro lado, colhendo os frutos ainda verdes e pondo-os numa atmosfera onde existe o limite máximo não prejudicial de anidrido carbónico, consegue-se um amadurecimento precoce.



CIÊNCIA ELEMENTAR

A EPOPEIA DO ALGODÃO

A história do algodão, dessa fibra que é a base dos pneumáticos, que entra no fabrico dos explosivos e é indispensável à medicina, está cheia de acontecimentos trágicos e grandiosos.

A sua pátria primitiva foi a Índia, mas difundiu-se até ao Japão e até às margens do Mediterrâneo. Só no século XIII e XIV alcançou categoria apreciável na vida económica, precisamente na época em que os Cruzados, juntando as questões-religiosas aos interesses comerciais, deram a conhecer o algodão à Europa. No século XIV trabalham já manufacturas de fição e tecelagem na Alemanha, Inglaterra, França e Países Baixos.

No século XVII, o uso dos tecidos de algodão estava tão generalizado na Europa que a procura de matéria-prima era considerável. E só a América, em grande parte pertencente ao Império espanhol, apresentava as condições próprias para o cultivo do «ouro branco». Os ingleses lançaram-se ao assalto das possessões espanholas, já que não era viável, nessa época, a conquista dos países algodoeiros da Ásia.

O algodão exige cuidados delicadíssimos, e a sua recolha tem de fazer-se à mão durante vários meses. Daí a dificuldade de numerosos braços, demais numa época em que todas as tarefas eram manuais ou realizadas com instrumentos rudimentares. Do Brasil, das Índias Ocidentais, da Flórida, Geórgidas e Carolinas (regiões dos E. U.), onde os colonizadores europeus tinham introduzido o algodão no século XVIII, choviam pedidos de mão-de-obra. Os europeus não chegavam, os nativos eram poucos e insubmissos; necessário era recorrer à escravatura dos negros. O aparecimento da escravatura e o seu rápido desenvolvimento não foram, todavia, obra única do «ouro branco», mas também da cana do açúcar e do tabaco. Em geral, os escravos eram tratados como gado; em muitos Estados proibiu-se ensinar os escravos a ler e a escrever; quando, em 1809, foi suprimida a importação de escravos, procedeu-se à «crias sistemática de indivíduos negros». Em meados do século passado, os «crias de negros», da Virgínia, exportavam anualmente 6.000 «cabecas». O trabalho escravo, inferior e forçado, impôs características especiais às plantações, que foram obrigadas a expandir-se por todos os Estados Unidos.

A indústria têxtil só aparece como potente factor económico e político nos fins do século XVIII. A partir deste momento os destinos das plantações algodoeiras vão indissolúvelmente ligados aos dos centros fabris, às Bólsas, aos Paramentos e à «alta política». Isto sucede quando inventos de extraordinária importância originam a chamada primeira revolução industrial, iniciada na Inglaterra.

Em 1767, o tecido inglês James Hargreaves construiu uma máquina accionada pela força hidráulica — a «Waterframe». Apesar da resistência operária, a nova máquina venceu porque assim o cegou a economia europeia. Depois, Samuel Crompton, combinando a «Jenny» com a «Waterframe», inventou a «Mule Jenny» — e no fim do século XVIII trabalhavam já em Inglaterra fiadoras com 400 fusos movidas a vapor.

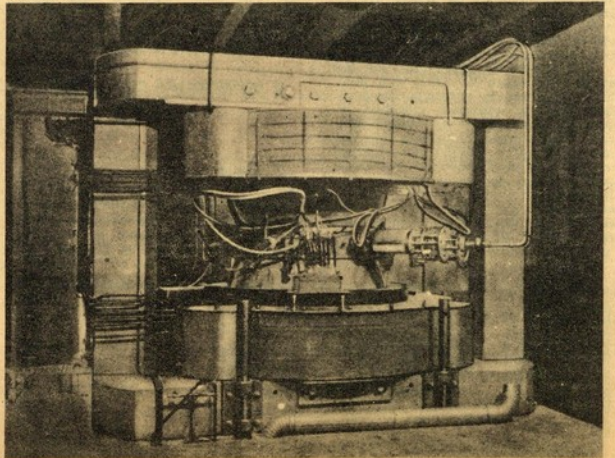
A Inglaterra defendeu o seu poderio, e até 1842 a lei castigava com a pena de morte quem exportasse máquinas têxteis do país. Esta proibição não pôde prolongar-se e acabou por reinar o liberalismo económico. As fábricas multiplicaram-se na Europa. No entanto, o jogo para manter o poder, por parte das nações monopolizadoras, manteve-se. A Inglaterra fez o impossível para que não se criassem em vários países indústrias têxteis próprias. O mesmo fizeram os holandeses em relação às suas colónias. Mas acontecimentos vários originaram a criação de plantações no Egipto e noutros povos africanos, na Índia, no Brasil, Austrália, etc.

Em 1926-27 colheram-se, em todo o mundo, 7 milhões de toneladas de algodão limpo, correspondendo aos Estados Unidos quasi duas terças partes. Segundo um fenómeno muito característico do capitalismo, produziu-se demasiado em relação às possibilidades de compra dos mercados. Deu-se uma baixa de preços e logo veio uma lei limitando as áreas do cultivo nos E. U. — e assim se mantinham os preços elevados. Outros países aproveitaram esta alta para desenvolver as suas plantações.

Ao drama da matéria-prima, junta-se o drama da indústria. Apesar de todos os protecctionismos, os monopolizadores de algodão iam-se arruinando devido à concorrência, às crises de super-produção (ou melhor do sub-consumo) e até a acontecimentos políticos, como o nacionalismo indú. E assim, o «ouro branco» é, também, causa de conflitos entre os continentes. Há um traço comum na história de todas as matérias-primas: sangue e lágrimas para a grande maioria; lucros fabulosos para alguns.

O CICLOTRÃO

É IS o «ciclótão» do laboratório de Física de Cavendish. Um ciclótão é uma máquina desintegradora de átomos. Dentro desta máquina consegue-se fazer com que partículas atómicas se movam com grandes velocidades e actuem como «bombas» capazes de desintegrar qualquer átomo que encontrem em suas trajetórias. Foi o físico Rutherford quem descobriu, em 1918, a desintegração dos átomos, e foi Ernesto Lawrence o inventor do primeiro ciclótão.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

Os noruegueses convenceram-se de que bem pouco tinham a esperar da realização da Nova Ordem na Europa, quando foi publicado o decreto de 12 de Dezembro de 1941, relativo ao futuro do seu país. Por esse decreto foi criada, na capital do Reich, uma Repartição Central para a Noruega, a qual, integrada no Ministério do Interior, passaria a superintender em todos os assuntos relacionados com a vida dos noruegueses.

As atribuições da nova Repartição eram assim definidas pelo decreto que a criou: «Compete a esta Repartição, juntamente com o Comissário do Reich na Noruega, organizar a colaboração eficaz entre as autoridades do Estado alemão e o Comissariado, instalado em Oslo, de acordo com as necessidades daquele país». Para dirigir a Repartição criada em Berlim foi escolhida uma personalidade que se distinguira durante o período inicial da ocupação alemã noutros países, especialmente na Austria, na Checoslováquia e na Polónia.

Praticamente ficava assente que os noruegueses eram completamente excluídos da gestão dos negócios públicos, e mesmo dos assuntos administrativos do seu país. Não era apenas a independência da Noruega que estava em causa, de maneira inquietante. Era a própria autonomia da sua vida administrativa e da actividade de todos os ramos da administração pública que devia considerar-se irremediavelmente comprometida. Estas realidades exerceram, como não podia deixar de ser, uma influência decisiva no espírito dos patriotas noruegueses que esperavam ver respeitados os seus direitos tradicionais e não podiam aceitar a ideia de que a nação norueguesa devia desaparecer, para sempre, do número das nações livres e independentes do mundo.

A existência dum partido político, o partido Quisling, decidido a praticar a colaboração com os ocupantes, não invalidava as realidades dolorosas com que a ocupação se ia traduzindo, para a grande maioria do povo norueguês. É certo que, nos seus discursos e proclamações, o chefe desse partido afirmava, frequentemente, que estava com ele e com as suas ideias um grande número de noruegueses. Mas estas afirmações nunca puderam ser verificadas em confronto com os factos. Em meados de 1941 calculava-se que o partido Quisling não contasse nas suas fileiras, mais de trinta mil filiados. Foi este o número revelado num relatório dirigido ao Comissário do Reich, e tudo indica que é correspondente à verdade.

Mais tarde foi publicado um decreto (Novembro de 1942) que proibiu, sob pena da aplicação de pesadas sanções, qualquer membro do partido abandonar as suas fileiras. Mesmo assim calcula-se que dez mil dos filiados iniciais encontraram maneira de se libertarem dos laços partidários e de recuperarem a sua liberdade de acção. Em fins de 1942 era opinião geral que o número de filiados no partido da colaboração não ia além de meio por cento da população total do país.

A EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO POLÍTICA

Isso não impediu que, em determinada altura, dada a influência crescente do movimento de resistência, as autoridades de ocupação julgassem conveniente facilitar a formação dum governo presidido pelo major Vidkun Quisling. Como já vimos, o «Storting», reunido em 9 de Abril de 1940, data da invasão, resolvera, por unanimidade, dar ao Rei e ao governo plenos poderes para tomarem as medidas que julgassem necessárias à condução eficaz da guerra. No caso de esta se revelar impossível no território nacional, o Rei e o governo ficavam autorizados a conduzir a luta fora dele, até que o Parlamento voltasse a poder reunir-se no país libertado. Esta decisão, que mais tarde se revelou dum alcance histórico, criou entre a nação e o governo um laço indissolúvel. A expressão mais alta dessa solidariedade era o soberano que seguiu para o exílio, e não mais deixou de acompanhar os esforços heróicos dos seus compatriotas, dentro e fora da Noruega, para recuperarem a independência e a soberania.

Ao contrário do que aconteceu, mais tarde, em relação a outros países, a identidade de vistas entre o governo norueguês no exílio e o movimento de resistência nacional tem-se afirmado em todas as circunstâncias e no meio das maiores dificuldades. Assim, a primeira escolha de treze ministros noruegueses que receberam os seus poderes das mãos do Comissário do Reich, foi acolhida pela opinião pública na Noruega com uma desconfiança transparente. Pouco tempo depois, em Janeiro de 1942, os treze ministros foram transformados em governo nacional, mas a origem do seu poder continuou a ser a mesma.

Entretanto, as autoridades de ocupação haviam nomeado um novo Supremo Tribunal da sua confiança, e este não teve dúvidas em se pronunciar sobre o fundamento legal das nomeações assim feitas, declarando que estas não suscitavam «qualquer objecção decisiva». Em 1 de Fevereiro, a evolução política assim preparada completou-se, e o major Quisling recebeu oficialmente o título de presidente do conselho de ministros.

Estas aparências não invalidavam, porém, as realidades evidentes quanto ao valor do apoio nacional de que o novo governo dispunha. Esse apoio consistia, evidentemente, nos elementos do partido e nas autoridades de ocupação.

A AUTORIDADE DO GOVERNO QUISLING

A transformação da política interna, que na Noruega se verificou sob a pressão dos acontecimentos internos (influência crescente do movimento de resistência) e externos (duração da guerra e malogro da

campanha da Rússia), em nada modificou a situação do país. Eram, de facto, as autoridades de ocupação que continuavam a dirigir os seus destinos e a orientar a sua administração.

No governo presidido pelo major Quisling não existiam os ministérios cuja actividade costuma simbolizar a independência nacional, os ministérios da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. Todos os decretos promulgados tinham de ter a assinatura do Comissário do Reich. O ministério do Interior estava colocado sob a direcção da Repartição para a Noruega, e o ministério da Polícia dependia directamente do «Obergruppenführer» Rediesse, chefe da polícia alemã na Noruega. Era um dos chefes da ocupação, o dr. Otte, que superintendia na actividade dos ministérios das Finanças, do Comércio, dos Abastecimentos e dos Assuntos Sociais. Finalmente todos os discursos e proclamações dos membros do governo, incluindo o seu presidente, deviam ser do conhecimento do Comissário do Reich, antes da sua divulgação ou publicação.

É certo que no discurso que preferiu em 1 de Fevereiro, ao tomar posse do seu encargo, o major Quisling declarara publicamente que o seu governo «era a expressão da vontade popular e traduzia o firme desejo de viver que animava o povo norueguês». Segundo as suas declarações, o principal objectivo que o animava era o de realizar uma paz com o Reich, substituindo por um novo regime jurídico o regime de ocupação militar em que o país vivia, desde abril de 1940.

«A vitória da Alemanha, declarou ele nessa altura, será a nossa vitória. A Noruega que estava à beira de um precipício foi salva. Ela recuperou a liberdade e a independência». Mas no final deste discurso, tão profundamente contrariado pelos factos, uma orquestra tocou o «Deutschland Uber Alles» em vez do himno nacional norueguês, o que bastava para demonstrar até que ponto eram lusúrias as afirmações do chefe do novo governo.

A REALIZAÇÃO DUMA PAZ COM A ALEMANHA

A realização duma paz separada com a Alemanha, que de resto não constituía apenas a aspiração do governo colaboracionista norueguês mas de todos os governos que nos países do continente preconizavam e praticavam a política de colaboração com os vencedores, não foi por diante. Em lugar disso, o regime de ocupação tornou-se cada vez mais duro e a população norueguesa teve de suportar, à medida que o tempo decorria, dificuldades cada vez maiores que resultavam da natureza das suas relações com os ocupantes, da dificuldade de dar satisfação às exigências destes últimos e da carência do géneros indispensáveis ao abastecimento regular das cidades e dos campos.

Pouco depois de haver tomado posse das suas funções, o major Quisling partiu para a Alemanha, onde devia realizar uma série de conferências políticas às quais se atribuía uma grande importância. Depois de se avistar com o Führer, em Berchtesgaden, o chefe do governo norueguês, regressou a Oslo. Mas as esperanças que a sua partida havia suscitado entre os partidários da colaboração desvaneceram-se rapidamente.

Ao ser interrogado por um jornalista, quando do seu regresso à Noruega, o major Quisling limitou-se a declarar que tratara em Berlim problemas da maior transcendência, mas que não estava em condições de fornecer detalhes sobre as soluções encontradas para eles. Esta declaração confirmava, de maneira inequívoca, o malogro da sua missão. Desde esse momento, na Noruega não foi mais permitido falar da conclusão duma paz separada com o Reich. O povo norueguês compreendeu o que essa proibição significava, e a actividade do movimento de resistência interior recrudescceu, de maneira impressionante, nas semanas que se seguiram à viagem do major Quisling.



Os alemães fixaram da Noruega um grande reduto na campanha do ocidente. Eis o transporte de bombas de grosso calibre para os canhões alemães na costa norueguesa, e que mantiveram, durante muito tempo, os Aliados a larga distância da Europa.



O general Wilhelm Hansteen, comandante supremo das forças armadas norueguesas, dirige, de Londres, todos os movimentos dos exércitos do seu país, na mais íntima colaboração com os exércitos aliados.



A marinha mercante, em colaboração com a marinha de guerra, dá o seu contributo para a libertação do solo norueguês. Damos, aqui, o transporte de material da guerra para equipamento das tropas da Noruega.



A costa da Noruega é toda ela semeada de profundos recortes. A neve cobre as montanhas e os «fiordes» nem sempre são uma vantagem para as grandes operações de ataque. A façanha dos anglo-noruegueses, em Março de 1941, às ilhas Lofoten, foi das mais extraordinárias desde o começo desta guerra.



A princesa Marta, esposa do príncipe herdeiro, Olavo da Noruega, visitou, há tempos, em Toronto — no Canadá — a escola de treino dos exércitos noruegueses. Na foto, vêmo-la ao lado do «Sprit of Little Norway», um aparelho que por ela foi oferecido aos aviadores do seu país.

(Continua)



Aprenda a defender-se!

NÃO é necessário ser-se protagonista dos filmes de «cow-boys», ou fazer parte da Polícia Montada do Canadá para um dia qualquer — longe vá o azar! — nos encontrarmos-nos frente a frente com um facinora qualquer e, o que é muito pior, com um facinora armado com um mortífero pistolo.

Nestas quatro fotografias encontram a maneira fácil (nem tanto como parece...) de se defenderem. A demonstração é efectuada por um conhecido «cow-boy» do cinema, antigo polícia do Far-West, por conseguinte, autoridade na matéria.

Na primeira foto vê-se o «rapaz», como nos filmes, ser atacado pelas costas. Assim que sente a pistola afinçada nas espaldas, volta-se subitamente. Com um dos braços, bate no braço do adversário, obri-

gando-o a desviar a arma, enquanto que com o outro, saca a pistola do cinto.

Diz o «cow-boy»: «estes movimentos têm de ser rápidos, e sincrónicos, de forma a que o nosso antagonista não tenha tempo de disparar a sua arma».

E conclue com estas animadoras palavras: «A rapidez e o sincronismo conseguem-se com relativa facilidade, se bem que, à primeira vista, pareça ser difícil. Oito ou nove treinos bastam para aprendermos a livrar-nos de um adversário temível que nos ataca traiçoeiramente».

Quere o leitor experimentar? No próximo número daremos mais uma lição deste curso prático e sem mestre de auto-defesa.



Diz a história e diz a lenda...

Diz a História ou diz a lenda, criada à volta de certos grandes vultos, que muitas dessas figuras, na hora da morte, preferiram frases que ficaram célebres. Eis algumas delas:

Malherbe — Perdoai, meu padre, mas eu até à morte defenderei a pureza da língua francesa!

La Fontaine — Morrer, que importa? O pior é ter que comparecer na presença de Deus!

Boileau — Adeus, amigos! E é bem longo este adeus!

Fontenelle — Passo bem... para o outro mundo...

Goethe — Luz, mais luz!

Musset — Que bom, o sossego...

Dormir! Enfim, vou dormir...

Henry Heyne — Não vos inquieteis! Deus me perdoará, que é esse o seu mister.

E, voltando-se de costas: — É esta a «pose» da morte!

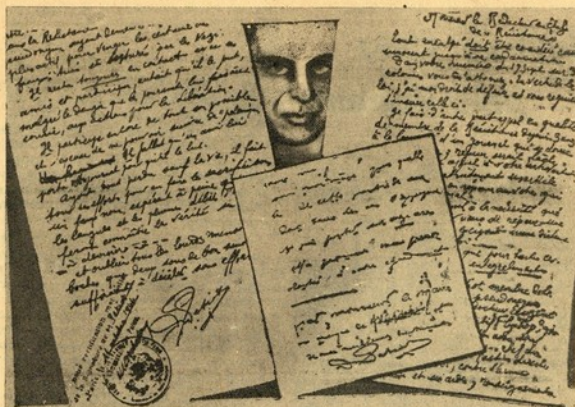
Sabe responder?

- 1 — Qual é o autor da peça «Santa Joana»?
- 2 — Como se chamava a irmã de D. Teresa, mulher do Conde D. Henrique?
- 3 — Quem inventou o fonógrafo?
- 4 — Porque se chama «azul Finlândia» a uma certa cor?
- 5 — O que quer dizer a palavra «maquis»?
- 6 — Qual é o país dos mil lagos?
- 7 — Qual o nome do autor da ópera «Tristão e Isolda»?

(Ver respostas na pág. 23)



COCKTAIL



PETIOT está ou não inocente?...

LEMBRAM-SE ainda do célebre dr. Petiot, discípulo do não menos célebre Landré? Pois bem: depois de ser acusado de tantas mortes, aparece agora a proclamar a sua inocência, dizendo que foi vítima de horribéis maquinações da Gestapo, que não cometeu um único crime dos que o acusam, que é e sempre foi um respeitável cidadão. Mais ainda: que pertenceu às Forças Francesas do Interior, que combateu pela libertação de Paris e da França, etc., etc.

A dúvida surge. Será, na verdade, Petiot, conhecido pelo «hedonista monstro», autor das mortes de que o acusam? Ou será, apenas, uma vítima da propaganda alemã que, desejosa de fazer esquecer os revéses da guerra, «criou» todos estes crimes para encher as páginas dos jornais?

O jornal de Paris, «Résistance», um dos quatro primários jornais clandestinos que apareceram na França durante a ocupação alemã, publicou, agora, uma extensa carta de Petiot onde é reputa todas as acusações de que o crimina.

Eis algumas passagens da carta: «Todo o acusado deve ser considerado como inocente até à sua condenação. No vosso número de 19 de Setembro fui atacado injustamente. Ao abrigo da lei e do meu direito de defesa, peço a publicação desta carta no vosso jornal. Por outro lado, apelo na minha qualidade de membro da Resistência e do dever que se impõe de se reparar um inocente de um erro atroz que pesa sobre ele, amachucando-o.

«Sou membro da Resistência, onde tenho o pseudónimo «Número 46» e «Doutor Eugène», tendo actuado de colaboração com «Ménayer», chefe do grupo «Moteur», incumbido de agir contra a Organização Todt».

Mais tarde, continua ele, foi preso, e durante esses oito meses sofreu as maiores torturas e atrocidades da parte dos seus carcereiros.

«Coisa curiosa! — escreve Petiot — Apesar das crueldades que me infligiram na prisão, os agentes ofereceram-me várias vezes a ocasião de fugir. Enfim, fui libertado, contra o pagamento de 10.000 francos, e refugiado-me em Auxerre, durante um mês. Quando voltei a Paris vi-me, então, enredado nas telas dos meus supostos crimes. E porquê? Porque era necessário desviar a atenção do público sobre o avanço russo e preparativos aliados para a segunda frente. Era necessário fabricar um novo Katyn, e esta fabricação traz nitidamente a marca alemã. E na rua Lauriston apareceram os cadáveres. Deve-se notar que a casa estava deshabitada, o proprietário na prisão e as chaves nas mãos da Gestapo. É infantil! O bom senso popular compreendeu imediatamente que esta história macabra, contra uma vítima da Gestapo, não passava de «teatro».

O dr. Petiot termina assim a sua carta: «O signatário destas linhas, longe de ter cometido os actos apontados, longe de ter perdoado aos seus algozes, e longe de os ter ajudado, assim que saí das mãos inimigas retomou o seu lugar na Resistência, com um novo pseudónimo, ocupando um papel ainda mais activo para vingar as centenas de milhares de franceses mortos e torturados pela ocupação».

Esta carta, como é natural, provocou a maior surpresa em França, porque além de provar que Petiot não estava fugido no estrangeiro, como se pensava, fez erguer um grande ponto de interrogação diante das acusações que lhe eram dirigidas.

É natural que não se venha a saber, tão cedo, de que lado está a verdade. Testemunhas que o poderiam defender estão mortas, outras desapareceram ante a confusão que pairou pela França, com a invasão. De qualquer maneira, como o próprio dr. Petiot diz na sua carta, enquanto um tribunal francês não o condenar, provando a sua culpabilidade, ele tem o direito de ser considerado inocente.

Páginas inteiras, de jornais de todo o mundo, foram gastas relatando os seus crimes. Mas a pergunta subsiste: «Petiot está inocente ou não?»...

Lisboa vista
pelo Ventura

por Bastos Guerra



Lisboa vai-se tornando cada vez mais pitoresca; principalmente aos olhos de quem a visita.

A Feira Popular transitou de Pahlavá para o Largo Martin Moniz em todo o seu esplendor.

Há ali de tudo, desde o folclore da Rua dos Canos até ao «Pavilhão das Descobertas Científicas». E quando a Ciência impera...



Com a obrigatoriedade de letreiros em todas as montras, podemos criar esta legenda: «Lisboa, Cidade da Eriquetas»... escudada.

ANTIGAMENTE, os quatro elementos eram cinco: o ar, a terra, o fogo, a água — e a carne de vaca. Com eles Deus criou o mundo para tranqüilidade dos gastrónomos. E para honra e glória das meninas casadoiras, que levavam na bagagem do noivado um manual de culinária vistosamente encadernado em percalina.

Depois do trem da bóda, o trem de cozinha. Depois das lágrimas maternais, na hora crucial da separação, as lágrimas que o virtuoso manusear da cebola provocava. Depois dos destemperos de um namôro cheio de vicisitudes, os temperos de resedentes guisados, concebidos com amor e previstos de páginas 250 a páginas 280 do manual.

Com o tempo tudo mudou — incluindo a vaca, que não deixou a nova morada.

O problema está a ser revisto. Entretanto, é possível que semelhante espécie animal, tão cornuda quanto nutritiva, se torne rara como a ave do paraíso, extinta como o mamute, lendária como o dragão e a químera.

Nesta cidade sôbre tódas excelente e maioral — o maioral não é com certeza de gado e as excelências foram absorvidas por outras coisas, isso não teria importância (espécie a mais, espécie a menos, a vida, mesmo mal alimentada, continua) se não fossem as consequências domésticas que o facto acarreta.

Assim como outrora o público não perdia uma tarde de toiros, pagando cara a sua sombra — assim hoje as famílias se deslocam até aos restaurantes só para assistirem à chegada de um bife com a respectiva cundrilla de batatinhas fritas.

Ao boi para curiosos sucedeu a vitela para perdulários. As bandarilhas e à espada de puro aço, o garfo e a faca de cristal. Aos moços de forçado, o maitre-d'hôtel e seus assistentes. Ao matador, o empregado da caixa.

Como nas corridas, há um único inteligente: o dono do restaurante.

Findou o reinado da preñada esposa que sabia na perfeição condimentar escalopes. O marido infiel e relapso cessou de estar preso pelos encantos de uma costeleta panada. E adquiriu foros de corrento o abandono do domicílio conjugal por absoluta escassez de lombo.

Podem outra mulher ser feia e vulgar. Se tiver artes de conseguir alguns ossos de um boi de trabalho (autênticos ossos do ofício) estabelecerá perigosa concorrência com a legítima consorte, privada de utilizar armas iguais.

Nos casos normais e sem incidentes, marido e mulher vão aos tais restaurantes dispendiosos e consultam a ementa com olhos de quem lê o programa do espectáculo.

A sopa de rabo de boi (15\$00) causa tanta emoção como um passe de Belmonte (15 mil pesetas). E quaisquer pobres croquettes — camuflagem de restos de um apodrecido pojadouro — suscitam «bravos» de entusiasmo.

O equilíbrio doméstico começa a ressentir-se de maneira séria. No restaurante há sempre uns vinhos mais leves e mais pérfidos que os que se bebem habitualmente em casa. E

grooms pressurosos que vão buscar cigarros exóticos. E um café de muito melhor sabor que o provado na irreversível pacatez do lar.

Jantar fora desperta a imaginação. Mesmo que a decoração seja de mau gosto, o mobiliário mesquinho, as facas mal afiadas, as luzes cruas, a música estrídula, a conta excessiva... Muita coisa se passa para além dos quadros da intimidade usual.

Um conhaque à sobremesa completo esta sabotagem do matrimónio. Ela não está habituada a bebidas brancas: recosta-se na cadeira, em silêncio, sonhadora, segurando desastrosadamente entre os dedos o cigarro que não fumaria na presença dos filhos ou sob a vista de certos parentes despóticos.

Quando vem a conta, o responsável verifica as verbas e confere a soma, na esperança de um erro para menos. Ela, porém, espreitando-lhe por cima do ombro, solettra as designações culinárias: naquele momento, depois do conhaque, encerram não sei quê de mágico, de atraente, de misterioso...

A magia e o mistério da poesia! Talher, Consommé Vermicelles, Arroz à Valenciana, Chateaubriand, Pêche Melba, Vinho, Café...

Mas ela julga estar lendo um poema modernista:

Aperitivos Talher Consommé Vermicelles.

Arroz à Valenciana.

Chateaubriand aux pommes,

Pêche Melba,

Gruyère!

Vinho, Café e Licores...

Dez por cento de serviço!

Esta série de ilusões — ilusão de poesia, ilusão de aventura, ilusão de verdadeira vaca — traz consigo evidentes malefícios.

A poesia é falsa; a aventura é dissolvente; a vaca é miragem.

E é a última, talvez, a mais nociva de todas as ilusões, pois dela derivam as outras e por ela se vão diluindo os hábitos da vida de família.

Dantes a vaca podia ser boi; agora é um vertebrado qualquer.

Na melhor das hipóteses, é cavalo. Há no Jardim Zoológico pelo menos um boi-cavalo, que até hoje não mostrou ter grande utilidade.

Chegou a altura de fazer prova dos seus talentos.

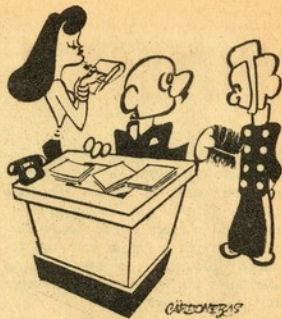
O respeitável bicho, e os seus semelhantes, deviam apresentar-se voluntariamente ao magarefe, a fim de assegurar o fornecimento dos restaurantes de luxo.

Quando perguntássemos: — Tem vaca? E um bocadinho de cavalo!

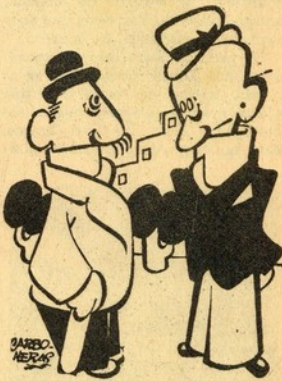
O maitre-d'hôtel responderia com simplicidade:

— Temos de partes iguais. Temos boi-cavalo.

Era mais leal — e muita gente ficava em casa, com a sua mulher e a sua prole, ou na companhia de quem mais estimasse, sem se expor às tentações demoralizadoras do restaurante...



— Não, agora não preciso de ti, que estou muito ocupado. Vai ao barbeiro e que me cortem o cabelo!



— Não sei como o Luís se arranja que anda sempre sem dinheiro!
— Pediu-se algum empregado?
— Não, mas quando lho peço, nunca tem!



— Há vinte anos que noi namora-mos. Quando casamos, queridinho?
— Prometeste amar-me até à morte. Quero ver primeiro se é verdade.



— Não, menina, «queridinho» viu-se obrigado a sair ainda não há cinco minutos!

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes saos e belos lave-os com SULFADETINA

APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M^o CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

FUMADORES

Podem fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tçoões, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29—Pórtio. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L., Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º-Dir.º. Telefone 43552.

O Livro do Momento

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias

Uma magnífica edição de VIDA MUNDIAL

Sabe responder?

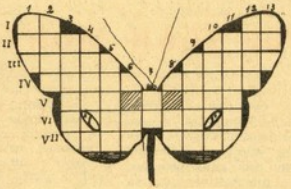
- 1—Bernard Shaw.
- 2—D. Urraca.
- 3—Edison.
- 4—Porque é da mesma cor que a cruz da bandeira deste país.
- 5—Matagal (em córsio). Este nome foi dado aos patriotas franceses que faziam luta de guerrilhas, de emboscadas, como os antigos corsos.
- 6—Finlândia.
- 7—Richard Wagner.

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 54
Por José Rodrigues Correia (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: I—Clima; nota musical. II—Astro; igual. III—Ure; queima. IV—Dificuldade em respirar; indiferença (fig.). V—Filho de Neptuno; progredias. VI—Arma arrojada que se lança com o braço. VII—Bordas; lagartixa.

VERTICAIS: 1—Põe asas. 2—Ave columbina. 3—Capital de um país da Europa. 4—Adore. 5—Nome de mulher. 6—Artigo. 7—Atmosfera. 8—Compalção. 9—Fibras compridas e delgadas que se formam torcendo o linho, o algodão, etc. 10—Altar. 11—Corpo sólido, cujos planos rectilíneos opostos são iguais. 12—Face. 13—Lavre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 53

HORIZONTAIS: 1—Asca; prisma. 2—Cals; aéreos. 3—Alas; ut; olas. 4—Péra; lé; soma. 5—Atadas; eras. 6—Ralo; moleza. 7—Suas; pi; ovil. 8—Arde; ar; siar. 9—Isidra; sege. 10—Rarear; arou.

VERTICAIS: 1—Açapar; sair. 2—Saleta; ursa. 3—Clar; al; adir. 4—Assa; dó; séde. 5—Paul; ampara. 6—Reteso; irar. 7—Iróis; el; Ossa. 8—Selo; ré; vler. 9—Moam; aziago. 10—Assa; Salreu.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

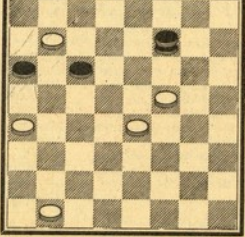
Composição n.º 23 (Final)

«Las Provincias», 16-11-944

Las Palmas—Espanha

Lema: «Lustada VII»

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras».



Brancas: 5 «pedras».

As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Continuação)

As bizarras são composições com mais ampla liberdade de acção e a mais absoluta independência (equivalentes aos nossos problemas de fantasia).

O sr. L. Francione classifica-os em três grupos: a) Finais de Partida. b) Problema. c) Bizarras.

O sr. G. Bassani é de opinião que devem dividir-se em 5 categorias: a) Problema. b) Problema frouxo ou fraco. c) Final. d) Final teórico. e) Bizarría.

O sr. Luigi Avigliano, a quem

corresponde acercar-se mais da verdade ao dizer que o final contém o problema em embrião e de acórdio com Sturges diz que é uma posição crítica (Critical position, de Sturges); sendo o final uma das tantas combinações difíceis de poucas peças que se apresentam frequentemente nas partidas de jogo vivo em que um se vê forçado a achar uma via de salvação. Portanto, o final é uma posição crítica cuja dificuldade para resolvê-la nos incita a estudar o modo de superá-la.

Em contrapartida, na definição de problema deixa-se levar pela fantasia, dando uma definição demasiadamente poética e pouco concreta. O problema, diz Luigi Avigliano, é a poesia do jogo, uma composição de pura fantasia, de beleza e de graça, que ainda que subtraído-se de todo o critério teórico, pode suscitar em nós um puro gozo estético. Considerando, além disso, que o problemista não tem mais que conceber e produzir a beleza.

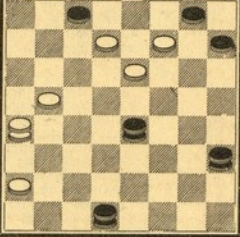
Cremos, com este ligeiro resumo, ter proporcionado aos nossos leitores uma idéa aproximada da necessidade de aproveitar todas estas idéias, e estamos certos de nos termos acercado, com a nossa classificação, da perfeição.

(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 57 (Concurso)

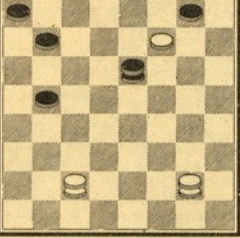
Por Jorge Eloy Martins (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL ARTÍSTICO N.º 17 (Concurso)

Por «Lusitana» (Lisboa)

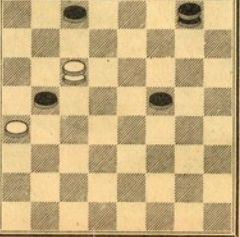


Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 18 (Concurso)

Pelo Capitão Evaristo António Borges (Pórtio)

Pretas: 3 «pedras» e 1 «dama».



Brancas: 1 «pedra» e 1 «dama».

Jogam as brancas e empatam.

PROBLEMA N.º 54 (Concurso)

Solução

1-3	17-21	10-19	2-6
11-20	25-18	18-11	11-2 (D)
	3-7	7-16-23-30	E
	29-27	P.	

FINAL DE JOGO N.º 13 (Concurso)

Solução

1.º hipótese:

27-31	31-27	27-32 (a)	31-22
28-23	15-20	23-19	20-15
22-27	27-23	23-16	16-12
15-11	11-14	12-8	8-4

E.

2.º hipótese:

27-31	31-27	27-31 (a)
28-23	15-20	23-19
31-22	22-13	13-18
20-15	19-14	15-11

E.

A branca ataca a «pedra» preta em 12 e amata.

(a) Dual: 27-13, 13-22E, como na

hipótese do autor.

XADREZ

Uma partida jogada nos Estados Unidos, em 1944:

Brancas	Pretas
Chernev	Denker
1. P4D	1. C3AR
2. P4AD	2. P3R
3. C3AD	3. P4A
4. C3A	4. P x P
5. C x P	5. A5C
6. D2A	6. O-O
7. P3R	7. C3A
8. C x C	8. PD x C
9. A2R	9. P4R
10. O-O	10. D2R
11. T1D	11. P5R
12. P3TR	12. T1R
13. P3CD	13. A4AR
14. A2C	14. A3D
15. A1AR	15. P4TR!
16. C4T	16. TD1D
17. T2D	17. A1C
18. TD1D	18. T x T
19. T x T	19. P5T!
20. A x C	20. D x A
21. D3A	21. D4C
22. R17	22. D2R
23. P5A	23. D2A
24. T6D	24. P4CD!
25. C2C	25. T3R
26. D4D	26. T x T
27. P x T	27. D x P
28. D x D	28. A x D
29. A2R	29. A4R
30. C1D	30. R1A
31. A4C	31. A x A
32. P x A	32. P4AD
33. P3A	33. P x P
34. P x P	34. P5A
35. P x P	35. P x P
36. P4A	36. P6A
37. C2A	37. P7A
38. C3D	38. A7C!
39. Abandona.	39.

Como já informámos num dos últimos números, Denker ficou campeão de xadrez dos Estados Unidos em 1944.

A pontuação desta grande prova foi a seguinte:

- 1.º—Denker, novo campeão dos Estados Unidos, 15 pontos e meio. Não perdeu nenhuma partida e empatou três com Steiner, Shainswit e Altman.
- 2.º—Fine, 14 pontos e meio. S6 perdeu contra Denker e empatou com Horowitz, Pinkus e Netidich.
- 3.º—Horowitz, 14 pontos.
- 4.º—Steiner, 14 pontos.
- 5.º—Pinkus, 13 pontos e meio.
- 6.º—Shainswit, 10 pontos e meio.
- 7.º—Altman, 9 pontos.
- 8.º—Adams, 8 pontos.
- 9.º—Aimgren, 8 pontos.

E assim, até 18 participantes, nos quais até ao último conseguiu meio ponto.

A. J.
12/1/44

Chamam da casa do moribundo!

Por JEAN MONFISSE

A última réstea de luz tombava lentamente naquela pequena rua da província. Nicolau, sózinho, o espírito vagabundeando ao sabor de um lirismo que ele chamava o «seu génio», parecia sentir-se melhor, sempre maior...

A agonia do sol cegava-o. E o seu espírito de aventura cegava-o também. Sonhando de mãos crispadas, os nervos electrizados, o peito cheio de uma enorme emoção, via diante de si uma multidão fremente, numa marcha estranha e fantástica...

Com quem sonhava, então, Nicolau, enquanto ia e vinha à volta da igreja?

Ah! Ele, coitado, sonhava com a vida e queria também viver, libertar-se daquele mundo pequeno onde não cabia a sua grande alma...

Uma chapada de vento mais forte bateu-lhe no rosto e, lá em cima, na torre da igreja, o relógio bateu horas.

Nicolau contemplou, por um momento, esta cidade morta a dormir ao sol, as ruas cheias de uma inércia enervante que só o vento furioso pretendia às vezes dissipar...

De repente, o braço de Nicolau estendeu-se instintivamente para uma porta recoberta de couro vermelho. E, sem que talvez desse conta, entrou na igreja pela pequena porta que dava acesso ao altar de Maria, aquele onde mandavam dizer missa os cidadãos mais pobres.

Avançou naquela meia obscuridade semeada de manchas encarnçadas, como se fossem projecções de lanternas mágicas e mergulhou os dedos na pia de água benta. Depois, refreou a fronte, como que a pedir àquêle líquido misterioso um sossego que não tinha. Lá do cimo, do órgão, vinham agora sons melódicos de alguém que estudava a missa de domingo e que falava numa linguagem doce à alma de Nicolau e à sua imaginação tumultuosa. Mas, a dois metros, na sacristia, o

telefone gritou numa voz ríscante e aflitiva, e ele esperou que uma mão levantasse o auscultador e alguém respondesse ao apêlo telefónico. Ninguém, porém, atendeu. Só uma mulher pareceu despertar das suas orações, ao som do telefone, para mergulhar logo no seu mundo de misticismo... Então, Nicolau atendeu o telefone. Uma voz, do lado de lá do fio, explicava-se mal:

— O senhor cura... o senhor abade...

Ele informou:

— E o abade quem está ao telefone.

A outra voz respondeu:

— Ah! ainda bem. E preciso vir já, já, senhor abade... Ele quer confessar-se... É a criada quem fala... Venha o mais depressa possível. Está aberta a porta pequena que deita sobre a rua Cloître... Compreende, senhor abade, ele não quer que se saiba, tem vergonha que o vejam entrar... Depressa, depressa...

Nicolau cortou aquê a comunicação. Olhou à volta e viu a sotaína negra pendurada, uma sotaína um pouco desbotada, a sobrepelez de rendas, e tudo isso parecia convidá-lo para uma aventura...

A noite caía para lá das janelas, uma noite de província que permite todas as dissimulações, todas as fugas e todos os «travestis» — uma noite e um convite a que Nicolau não soube resistir...

* * *

Só depois de muito procurar conseguiu encontrar a casa e a porta que lhe haviam indicado. Todos os bairros estavam ligados à roda da igreja, como os ramos de uma árvore e as ruas circundavam em linhas imprevisíveis que conduziam sempre os mesmos iniciados ou ignorantes desta topografia ao mesmo ponto de partida, que eram os degraus do adro do templo. Por três vezes, por isso, o falso padre foi encontrar-se diante da igreja, misterioso o quisesse fazer reconsiderar no seu crime ou aventura. Mas Nicolau acedeu ao convite. Sentia-se protegido pela noite, bem a coberto de ser reconhecido, e talvez ali estivesse, afinal, um grande assunto para ele aproveitar. Enfim, depois de muito trabalho descobriu a rua du Cloître e, na rua du Cloître, uma porta que estava aberta...

Havia ali uma só casa que voltava as costas à rua e ficava envolta num longo muro branco. Ao fundo, ficava o velho claustro de uma capela extinta e a casa tinha janelas guarnecidas de grossas barras de ferro, lembrando que talvez tivesse sido um convento.

A porta que se abriu lentamente à sua chegada dava para um escritório. Nicolau era esperado. Uma velha negra, com uma touca guarnecida de rendas, levantou-se do banquinho onde se encontrava sentada e ergueu na sua direcção o candeeiro de petróleo...

— Senhor abade, boa noite...

— Custou-me a dar com a casa, porque sou aqui novo e as ruas estão tão escuras!...

Falava por falar, quasi ao acaso, embora sem mentir, porque sentia que se tinha demorado.

— Venha, venha! — repetia a negra, de rosto cheio de rugas.

Nicolau seguiu-a num lanço pequeno de escadas sem tapete que os conduziu a uma espécie de vestiúlo. Ali, ela deteve-se. De uma porta que abria para um quarto, vinha uma luz fraca de vela.

— «A luz dos círios!» — pensou Nicolau.

A velha perguntava para dentro:

— Quere recebê-lo? Ele está ali... Agora não pode recusar...

Depois, ela voltou-se e fez um sinal com a mão:

— Venha...

E, de mãos postas, começou a rezar sumidamente...

* * *

Uma trunfa de cabelos voltou-se sobre os almofadões do leito. Nicolau teve apenas tempo para ver outro emaranhado de sobranceiras espessas muito brancas como a cabeleira, mal encobrindo dois pontos luminosos, última réstea de vida concentrada num corpo morto — dois olhos brilhando de uma luz estranha, ora verde, ora cinzenta, muito incerta. O homem devia ser corrento. Lançou um grito rouco quando Nicolau entrou. E Nicolau sentiu-se fundamente impressionado com a boca desse velho — uma boca entreaberta que parecia uma caixa de correio e que ele fixou para uma grande composição naçada desta aventura...

O falso padre voltou-se para cerrar docemente a porta. Atrás de si, ficava a respiração arquejante do moribundo. A boca desse esforçar-se por falar, porque aos ouvidos de Nicolau, pouco depois, chegavam alguns sons mal articulados:

— Ali, no armário... Abra depressa...

Nicolau descobriu a cabeça. O homem inclinava-se para si, as grandes mãos de unhas bem tratadas a amarrar a dobra do lençol. O olhar de Nicolau fixou-se, então, no peito do velho, um peito forte de seios desenvolvidos, onde brilhava qualquer coisa entre os pêlos que o tempo não havia embranquecido. Não lhe foi difícil compreender: essa qualquer coisa era uma chave de ouro, suspensa de um fino cordão de prata.

As primeiras palavras deram vazão a uma espuma branca que escorria agora da boca do moribundo, dificultando-lhe, ainda mais, as palavras:

— Abra... abra a porta do armário... Estão ali...

Nicolau obedeceu. Puxou com força a porta de vidro...

— Não, tire a chave... esta, aqui...

O velho estendeu o pescoço mas era impossível fazer um só movimento que o libertasse do cordão de prata. Então, Nicolau voltou junto do leito, abriu o fio, tirou a chave úmida de suor, e o outro murmurou:

— O cofre... Dê-me o cofre...

Quando abriu a porta do armário, o pintor vira, de facto, um cofre — uma grande caixa quadrada, em madeira negra, com três fechaduras ao centro, onde ele meteu ao acaso a chave de ouro.

O doente agonizava e franqueava, momento a momento, as fronteiras que o separavam do delírio...

— O senhor sabe, o caso dos cibórios, as custódias... o abade Dauzsts. Que coisa estranha! Que trabalho! Todos os cibórios levados, desaparecidos... Nunca mais... nem mais... E o abade Dauzsts... acabou-se o abade... Abra, abra...

Nicolau abriu o cofre que segurava nas mãos. O ouro, os reflexos dos dourados e das pedrarias, os esmaltes, toda uma luz preciosa lhe saltou aos olhos. O cofre continha um tesouro!

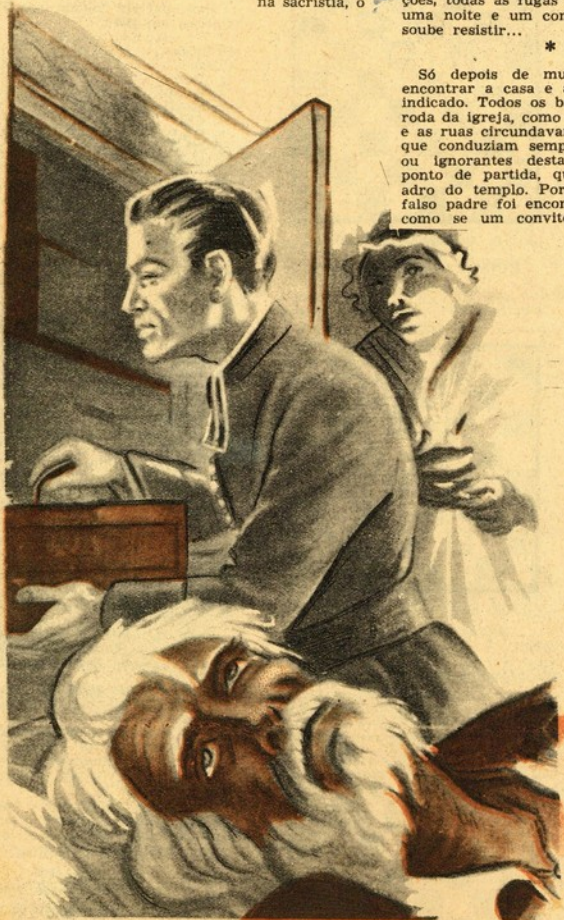
Eram os vasos sagrados amontoados, misturados, o que essa grande caixa quadrada continha!

— Roubou tudo isso? — perguntou Nicolau.

— Ninguém me conhecia e o abade Dauzsts... Ele foi condenado, mas a mim ninguém me prendeu... Ninguém soube que era eu... Ninguém me viu... Aqui, chegue-se, mostre-mos...

As suas mãos estendiam-se disformes e pro-

(Continua na pág. 8)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
 DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
 EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
 PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
 REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
 Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27